



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ - CCIM
CURSO DE JORNALISMO

PEDRO ÍTALO DA SILVA FARIAS

SER EDITOR NO JORNALISMO INDEPENDENTE:
Um estudo sobre os profissionais da Região Nordeste

IMPERATRIZ
2025

Ficha Catalográfica realizada pelo aluno diretamente no SIGAA

RESERVADO PARA O PREENCHIMENTO DA FICHA
CATALOGRÁFICA

PEDRO ÍTALO DA SILVA FARIAS

SER EDITOR NO JORNALISMO INDEPENDENTE:
Um estudo sobre os profissionais da Região Nordeste

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão no Centro de Ciências de Imperatriz como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Thaisa Bueno.

IMPERATRIZ
2025

PEDRO ÍTALO DA SILVA FARIAS

SER EDITOR NO JORNALISMO INDEPENDENTE:
Um estudo sobre os profissionais da Região Nordeste

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão no Centro de Ciências de Imperatriz como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Thaisa Bueno.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Thaisa Bueno
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
(orientadora)

Profa. Dr. Alexandre Zarate Maciel
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
(titular)

Profa. Dr. Lucas Santiago Arraes Reino
Universidade Federal do Maranhão – UFMA
(titular)

Dedico este trabalho aos meus pais,
Rosana e Cladony, que sempre me
ensinaram que o conhecimento é o bem
mais precioso que alguém pode possuir.

AGRADECIMENTOS

Quando escolhida, a solidão pode ser uma riqueza, mas a vida, quando é compartilhada, é um verdadeiro tesouro e ganha mais sentido. Por isso, este trabalho não seria concluído sem a contribuição de pessoas maravilhosas que agregaram à minha vida.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, que foram as primeiras pessoas a me incentivarem e que me incentivam todos os dias a seguir com os estudos. Sem o apoio de vocês, eu não seria quem sou. À minha irmã, Ilana Clara, que completa e dá mais sentido à minha vida. Família, sem vocês, minha jornada na Universidade com certeza teria sido muito mais difícil.

Nunca fui uma pessoa de muitos amigos, mas sempre soube escolher muito bem minhas amizades. Infelizmente, não dá para citar todos, mas vocês sabem quem são. Agradeço pela parceria durante essa trajetória da minha vida. Em especial, quero agradecer àqueles que pacientemente estiveram ao meu lado, me ouviram e me aconselharam nos momentos de labuta: Lara Sabrina, Janayna e Maria Gabriela, minhas amigas de turma, vocês fizeram com que os dias na graduação fossem mais fáceis e leves. Em especial, gostaria de agradecer à minha melhor amiga, Wildeane, que está comigo desde o início da vida: você torna meus dias melhores.

À minha orientadora, Thaisa Bueno, obrigado por ser uma grande fonte de inspiração e, principalmente, por ser um grande exemplo de desenvolvimento e divulgação científica. Agradeço também aos professores do curso de jornalismo da UFMA que, durante esses quatro anos de curso, compartilharam seus conhecimentos e me tornaram o profissional que sou hoje.

Obrigado a todos que compartilham a vida comigo, pois a vida é mais maravilhosa quando se tem alguém do lado.

“As melhores coisas da vida são livres”

Taylor Swift

RESUMO

Este estudo, parte ampliada de um plano de Iniciação Científica desenvolvido como bolsista Fapema do curso de Jornalismo da UFMA no ano de 2024, investiga a atuação de profissionais no jornalismo independente com foco nos editores que operam em veículos de comunicação da Região Nordeste do Brasil. O objetivo é compreender as rotinas e os desafios enfrentados por esses profissionais, bem como entender o campo de atuação do editor em veículos autodeclarados independentes. Por meio de entrevistas realizadas com nove editores de veículos deste perfil localizados, sendo um de cada estado, a pesquisa explora as mudanças na profissão de editor, analisando suas atividades diárias, as dificuldades enfrentadas e as percepções desses profissionais sobre o papel do editor no contexto do jornalismo independente. A monografia está organizada em três capítulos: panorama do jornalismo independente no Nordeste, o papel do editor nesses veículos e as condições de trabalho. Com isso, busca-se dar visibilidade à figura do editor, frequentemente ofuscada nas discussões acadêmicas, e contribuir para o entendimento da dinâmica da mídia independente no cenário jornalístico brasileiro atual. Além disso, o estudo mostra que editores do jornalismo independente no Nordeste, apesar da precariedade e da insegurança financeira, mantêm compromisso ético e social. Eles ampliam a visibilidade de comunidades negligenciadas e fortalecem narrativas locais, tema aprofundado ao longo da pesquisa.

Palavras-chave: Editor; Jornalismo independente; Nordeste.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página inicial da Agência de Jornalismo Manguê	33
Figura 2 - Página inicial do Portal Acta	34
Figura 3 - Página inicial do Portal O Corre Diário	34
Figura 4 - Página inicial do Portal Sotero Preta	35
Figura 5 - Página inicial do Portal Marco Zero	36
Figura 6 - Página inicial do Portal O Pedreirense	37
Figura 7 - Página inicial do Portal Agência Saiba Mais	38
Figura 8 - Página inicial do Portal Paraíba Feminina	39
Figura 9 - Página inicial do Portal ECO Nordeste	40
Figura 10 - Certificado de apresentação no SIMCOM	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Editores e os respectivos veículos

32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	JORNALISMO INDEPENDENTE: CONCEITO, CRÍTICA E CONTRIBUIÇÃO DEMOCRÁTICA	14
2.1	O que é o jornalismo independente?	14
2.2	A dimensão democrática da mídia independente	15
2.3	O panorama do jornalismo independente no Nordeste brasileiro	18
3	O PAPEL DO EDITOR	20
3.1	O Papel de um editor e o que ele faz	20
3.2	A Rotina do editor nos veículos independentes	25
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
4.1	Levantamento e exploração dos dados	28
4.2	Conhecendo o <i>corpus</i> da pesquisa	31
4.2.1	<i>Agência Mangue de Jornalismo/Aracaju - Sergipe</i>	32
4.2.2	<i>Portal Acta/Maceió - Alagoas</i>	33
4.2.3	<i>O Corre Diário/Teresina - Piauí</i>	34
4.2.4	<i>Portal Sotero Preta/Salvador - Bahia</i>	35
4.2.5	<i>Marco Zero/Recife - Pernambuco</i>	36
4.2.6	<i>O Pedreirense/Pedreiras - Maranhão</i>	37
4.2.7	<i>Agência Saiba Mais / Natal - Rio Grande do Norte</i>	38
4.2.8	<i>Paraíba Feminina - João Pessoa - Paraíba</i>	39
4.2.9	<i>ECO Nordeste - Fortaleza - Ceará</i>	40
5	RESULTADOS E ANÁLISES	41
5.1	Diferença de trabalhar em um veículo independente e um veículo tradicional	41
5.2	Principais atividades como editor de um veículo independente	42
5.3	Renda, sustentabilidade financeira e desafios	44
5.4	Rotina, carga horária e como as pautas são definidas	45
5.5	Como funciona as edições das matérias em um veículo independente	46
5.6	Título: Quem faz e como é pensado	47
5.7	Formação acadêmica	48

5.8	O uso de IA na edição	49
5.9	Estratégias adotadas para lidar com as demandas	51
5.10	Produção e qualidade do Jornalismo Independente	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	58
	APÊNDICE A – ENTREVISTA EDITOR 1	63
	APÊNDICE B – ENTREVISTA EDITOR 2	67
	APÊNDICE C – ENTREVISTA EDITOR 3	70
	APÊNDICE D – ENTREVISTA EDITOR 4	74
	APÊNDICE E – ENTREVISTA EDITOR 5	77
	APÊNDICE F – ENTREVISTA EDITOR 6	80
	APÊNDICE G – ENTREVISTA EDITOR 7	85
	APÊNDICE H – ENTREVISTA EDITOR 8	89
	APÊNDICE I – ENTREVISTA EDITOR 9	94
	ANEXO A – CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO	100

1 INTRODUÇÃO

Diferentemente das grandes empresas jornalísticas, que se mantêm com verbas expressivas de capital oriundas de propagandas, publicidades e até mesmo apoio político, os veículos independentes sustentam suas edições e conteúdos divulgados periodicamente sem um grande investimento que os financie. Isso lhes confere uma maior autonomia editorial, permitindo coberturas mais aprofundadas e comprometidas com pautas sociais, especialmente ligadas aos direitos humanos (Sakamoto, 2010).

O jornalismo independente pode ser entendido como um contraponto ao jornalismo tradicional, muitas vezes vinculado a interesses corporativos ou políticos. Essa forma de jornalismo se destaca por sua capacidade de abordar temas negligenciados pela grande mídia e ampliar o debate público (Pontes, 2009). No contexto brasileiro, particularmente na região Nordeste, há mais de 100 veículos jornalísticos autodeclarados independentes, incluindo jornais, sites, blogs e podcasts (Mapa Cajueira, 2020). Essas iniciativas apresentam rotinas de trabalho diferenciadas em relação aos meios tradicionais, tanto em termos estruturais quanto editoriais.

O presente estudo busca compreender o papel e a dinâmica do editor nos veículos de jornalismo independente. Diferentemente dos grandes meios de comunicação, nos quais o processo de edição é marcado por uma estrutura hierárquica e bem definida, com funções delimitadas entre diferentes setores da produção jornalística (Sodré, 2006; Barbosa, 2007), no jornalismo independente os editores frequentemente acumulam múltiplas funções. Essas atribuições vão desde a definição de pautas, passando pela apuração, até a revisão final do conteúdo, refletindo uma lógica de trabalho mais horizontalizada e adaptável às limitações de estrutura e recursos desses projetos (Recuero, 2009). Essa multifuncionalidade, característica do campo independente, desafia os modelos tradicionais de produção jornalística, criando novas formas de organização editorial, menos verticalizadas e que acabam por gerar um acúmulo de atividades.

Assim, este estudo **propõe uma análise direcionada para entender como a profissão do editor se mantém dentro dessa estrutura alternativa, muitas vezes precarizada, e quais os desafios enfrentados nesse cenário.**

Metodologicamente, o estudo baseia-se em entrevistas com editores de canais de notícias independentes, com foco nos estados do Nordeste brasileiro. Foram selecionados nove veículos independentes de maior relevância e audiência nessa região. As entrevistas foram realizadas de forma remota, por meio de videochamadas, para compreender como esses profissionais organizam e alinham o conteúdo, mesmo diante das dificuldades financeiras e operacionais.

Além de analisar o funcionamento do trabalho do editor nesses veículos, este estudo também visa reconhecer e trazer visibilidade para essa função, muitas vezes esquecida e pouco compreendida. O jornalista-repórter, frequentemente colocado como o protagonista do jornalismo, acaba por ofuscar a importância do editor, pelo menos na literatura, o qual desempenha um papel crucial na qualidade e credibilidade das publicações.

As entrevistas foram conduzidas com editores dos seguintes veículos: O Corre Diário (PI), Marco Zero (PE), Portal Acta (AL), Agência Mangue de Jornalismo (SE), Portal Sotero Preta (BA), O Pedreirense (MA), Agência Saiba Mais (RN), Paraíba Feminina (PB) e ECO Nordeste (CE). Ao todo, nove entrevistas foram realizadas, de forma remota, por meio da plataforma *Google Meet* com um modelo de entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas e fechadas, conforme a proposta de Duarte (2005), abordando temas como as principais atividades do editor, diferenças entre editores de veículos tradicionais e independentes, critérios para definição de pautas e conteúdos, e os desafios inerentes à edição de matérias em veículos independentes.

Vale destacar que este estudo começou em 2023.1 como uma pesquisa de Iniciação Científica, para o Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (Fapema). O projeto teve a orientação da professora Thaisa Cristina Bueno e contou com a apresentação no XVIII Simpósio de Comunicação da Região Tocantina. Além disso, o universo da pesquisa acabou se expandindo ao longo da construção desta monografia. O objetivo inicial, **compreender a rotina dos editores no jornalismo independente, foi ampliado para abarcar também os desafios enfrentados por esses profissionais, as transformações na profissão diante das novas formas de se fazer jornalismo, as principais atividades desenvolvidas nas redações, as estratégias de captação de recursos e o funcionamento dos veículos independentes no**

contexto do Nordeste brasileiro. Assim, a pesquisa não apenas se debruça sobre o trabalho dos editores, mas também sobre as dinâmicas e particularidades da mídia independente na região.

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é compreender como é a rotina de trabalho dos editores em veículos independentes. Com base nisso, também foram listados os seguintes objetivos específicos:

- Descrever as atividades comuns e as que foram abandonadas pelos atuais editores que atuam em veículos independentes no Nordeste;
- Detalhar os desafios do cargo de editor a partir da perspectiva do profissional que ocupa este cargo;

Didaticamente a monografia está dividida em 3 (três) capítulos, que discorrem sobre o jornalismo independente, o panorama atual da mídia independente no Nordeste, bem como o papel dessas iniciativas na região. Além disso, há um capítulo dedicado ao papel do editor na produção de conteúdo, à rotina editorial, aos desafios enfrentados nos veículos independentes e às condições de trabalho nessas mídias. Ademais, o estudo aborda a rotina dos editores desses veículos, relatando desde a descrição das atividades até os desafios enfrentados no exercício da função, incluindo as estratégias utilizadas por esses profissionais para lidar com as demandas.

Para facilitar a compreensão, o presente trabalho foi dividido entre o aporte teórico e o processo metodológico, com o intuito de detalhar melhor os passos da pesquisa. A segunda parte do estudo corresponde à descrição de todo o material coletado para este estudo, com o objetivo de subsidiar o mapeamento dos veículos, as análises e os resultados esperados.

O estudo evidenciou que os editores do jornalismo independente no Nordeste, em sua maioria jornalistas formados e com experiência em veículos tradicionais, enfrentam condições de trabalho marcadas pela precariedade, acúmulo de funções e insegurança financeira, mas mantêm forte compromisso ético e social. Esses profissionais atuam como protagonistas na produção de um jornalismo livre de interesses corporativos, dando visibilidade a temas e comunidades negligenciados pela grande mídia, além de fortalecer vínculos culturais e narrativas locais

autênticas. Assuntos esse que serão discutidos de forma mais aprofundada durante o decorrer do estudo.

2. JORNALISMO INDEPENDENTE: CONCEITO, CRÍTICA E CONTRIBUIÇÃO DEMOCRÁTICA

A mídia independente desempenha um papel fundamental na democratização da informação no Brasil, especialmente em contextos nos quais os grandes conglomerados comunicativos tendem a silenciar ou sub-representar pautas regionais e comunitárias. No Nordeste, esse papel ganha ainda mais relevância, pois diversos territórios e grupos sociais permanecem invisibilizados pela mídia tradicional. Como aponta o Atlas da Notícia (2019), a mídia independente atua como agente de circulação de informações locais e regionais que, muitas vezes, não encontram espaço nos grandes veículos.

1.1 O que é o jornalismo independente?

Nesse contexto, surgem debates sobre o conceito de jornalismo independente, especialmente em um cenário de transformações profundas nas formas de produção e consumo de notícias. Observa-se uma crise no modelo tradicional de jornalismo, marcada pela perda de credibilidade e concentração midiática, bem como o fortalecimento de veículos alternativos impulsionados pelas plataformas digitais. Segundo Fígaro, Filho e Nonato (2018), jornalistas têm se adaptado a esse novo contexto, na tentativa de não apenas informar, mas também viabilizar financeiramente seu trabalho diante das dificuldades impostas pela concentração dos meios de comunicação.

Um exemplo dessa transição é o Portal Acta, de Alagoas, criado após uma crise no jornalismo local, quando vários profissionais foram demitidos em massa. Frente ao desemprego, formaram um coletivo e fundaram um site de notícias, evidenciando como o jornalismo independente também surge como resposta à precarização das relações de trabalho nas redações tradicionais.

Contudo, o conceito de jornalismo independente não é unívoco. Como destaca Gosh (2021, p. 69), “o entendimento do que caracteriza essa prática oscila de acordo com a visão de quem o conceitua, diante das iniciativas nativas digitais”.

Tal ambiguidade evidencia a necessidade de uma maior sistematização conceitual na literatura acadêmica brasileira, que ainda carece de abordagens críticas e consolidadas sobre o tema.

De modo geral, o jornalismo independente pode ser compreendido como uma prática de produção e disseminação de informações que busca operar com autonomia, desvinculada de conglomerados midiáticos, governos ou pressões econômicas. Muniz Sodré (2006) afirma que essa modalidade representa uma ruptura com a lógica tradicional da comunicação de massa, fortemente hierarquizada e pautada por interesses corporativos. Marialva Barbosa (2007) complementa, indicando que o jornalismo independente abre espaço para pautas frequentemente negligenciadas, ampliando a diversidade informativa no país.

Ainda assim, a autonomia prometida pelo jornalismo independente é frequentemente tensionada pela necessidade de sustentabilidade econômica. Gomes (2017) destaca que existe uma linha tênue entre independência editorial e dependência financeira, que impõe desafios complexos aos veículos e seus profissionais.

1.2 A dimensão democrática da mídia independente

O jornalismo independente tem sido associado a um papel democratizante, especialmente por sua atuação em territórios historicamente marginalizados. Wilson Gomes (2018) ressalta que a comunicação é essencial para o funcionamento da democracia, pois por meio dela se constroem canais de mediação entre cidadãos, grupos sociais e instituições. A confiança, a visibilidade e o interesse público gerados pelas práticas comunicativas contribuem para o debate sobre problemas sociais e políticos.

Nessa perspectiva, o jornalismo independente não apenas distribui informações, mas também atua na formação de sujeitos políticos e sociais. Sua proximidade com os contextos locais reforça vínculos identitários e o sentimento de pertencimento entre comunidades historicamente excluídas da cobertura da mídia tradicional (Gomes, 2018). Assim, constitui-se como prática comunicacional que dá visibilidade a temas ignorados, mobiliza coletivos e estimula a cidadania.

Outrossim, é importante lembrar que esse modelo de jornalismo emerge em meio a um campo em constante mutação. Segundo Carlson e Lewis (2015) e Reis (2017), o jornalismo se afirma como prática cultural em processo contínuo de reconstrução. As transformações tecnológicas, sobretudo com a internet e as redes sociais, ampliaram o alcance e as possibilidades da mídia independente, permitindo a criação de novos formatos e o fortalecimento de narrativas alternativas.

Para Muniz Júnior (2016), a mídia independente se estrutura em oposição às grandes corporações jornalísticas, que priorizam o lucro e, muitas vezes, operam com vínculos político-partidários. Por sua vez, o jornalismo independente se ancora na defesa da autonomia, da liberdade de expressão e da função social da comunicação. Patrício e Batista (2017, p. 10) destacam que ele se molda “na ideia de liberdade e autonomia jornalística, seguindo o ideal da manutenção democrática no intuito de também ter controle sobre o próprio trabalho”.

Esse tipo de jornalismo contribui ainda para a descentralização da produção de conteúdo dos grandes centros urbanos, levando informação qualificada a localidades e comunidades frequentemente ignoradas pela grande mídia. Como pontua Gosh (2021, p. 69), “o jornalismo independente é uma alternativa para o jornalista explorar novos nichos e formas de colocar seu aprendizado a serviço do público local”. Entretanto, é preciso também problematizar certos aspectos do campo. Nem toda mídia que se declara independente atua com critérios éticos rigorosos, e o rótulo de “independente” pode ser utilizado como uma estratégia de diferenciação mercadológica, sem necessariamente garantir pluralidade ou compromisso com os direitos humanos.

Segundo Silva (2020), muitos veículos independentes reproduzem práticas excludentes ou hierarquias de gênero e raça semelhantes às da mídia tradicional, o que exige uma análise crítica e interseccional sobre quem produz, para quem e com quais agendas. Além disso, como alerta Träsel (2019), o entusiasmo em torno da mídia alternativa não deve nos levar a um romantismo acrítico: “a independência não garante automaticamente qualidade, diversidade ou comprometimento público; ela pode, inclusive, encobrir precarizações e informalidades no exercício profissional” (Träsel, 2019, p. 23).

Esse cenário contemporâneo encontra suas raízes na história da imprensa alternativa no Brasil. Desde a década de 1960 e 1970, essa imprensa desempenhou uma “função social de criação de um espaço público contra-hegemônico” (Kucinski, 1991, p. 10), contribuindo para a formação crítica nacional, para a realização sociopolítica e para a luta pela democracia e participação popular. Nesse mesmo período, a imprensa contra-hegemônica era vista como sucessora da imprensa panfletária de 1880-1920, cujos jornais eram direcionados às classes menos favorecidas (Kucinski, 1991; Mendes, 2011).

O percurso do jornalismo independente, então conhecido como imprensa alternativa, ganha força por volta de 1964, com o lançamento da revista *Pif-Paf*. Após esse momento, surgem outros ciclos alternativos, como em 1967, com a criação dos jornais *O Sol*, *Poder Jovem* e *Amanhã* (Kucinski, 1991).

Em meio à busca por espaço midiático e ao fortalecimento de um jornalismo crítico, em 1969 surgem a revista *O Pasquim* e o jornal *Opinião*, os veículos alternativos mais conhecidos da época, reconhecidos pela resistência político-cultural. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, outros jornais de cunho alternativo surgiram em diferentes regiões, marcados pela diversificação temática, pelo ativismo político e pela inclusão de discussões feministas (Kucinski, 1991). Protagonistas da ação social em plena ditadura, esses veículos encontraram apoio nos movimentos populares e estudantis, bem como nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que impulsionaram o chamado “jornalismo basista”, voltado à comunicação comunitária (Kucinski, 1991; Pismel, 2019). Apesar do crescimento, o setor enfrentava dificuldades como inviabilização econômica, falta de apoio e perseguições políticas, fatores que levaram muitos jornais ao desaparecimento (Kucinski, 1991).

Portanto, ao observar o percurso histórico e os desafios atuais, percebe-se que o jornalismo independente é, ao mesmo tempo, um campo de potência e de tensão. Ele contribui significativamente para o pluralismo informativo e para a democratização da comunicação, mas precisa ser compreendido dentro de suas contradições e limitações. A crítica e a análise rigorosa são fundamentais para evitar que esse conceito se torne vazio ou instrumentalizado de forma acrítica, tanto no passado quanto no presente.

1.3 O panorama do jornalismo independente no Nordeste brasileiro

As mídias independentes exercem um papel crucial na promoção da democratização da informação no Brasil, sobretudo em contextos nos quais os grandes conglomerados de comunicação não atuam de forma efetiva ou deixam de atribuir relevância às pautas regionais. No Nordeste, essa mídia cumpre uma função estratégica ao garantir a circulação de informações locais e regionais, especialmente entre os segmentos da população, que enfrentam limitações no acesso aos meios tradicionais de informação.

Segundo o Atlas da Notícia (2025), levantamento nacional que mapeia os veículos de comunicação no Brasil e identifica os chamados "desertos de notícias", áreas sem veículos de imprensa sediados e, portanto, sem cobertura jornalística local, a criação de novos veículos digitais tem sido uma resposta crescente no Nordeste, buscando alterar essa realidade de invisibilidade informativa. O Atlas da Notícia (2025), apontou no seu último levantamento, que os estados nordestinos com maior concentração de veículos jornalísticos são Bahia (861), Maranhão (392), Pernambuco (378) e Ceará (316).

Mesmo assim, o Nordeste ainda tem a maior quantidade de desertos de notícias do país, com 890 municípios sem acesso a nenhum tipo de notícia. São Luís, no Maranhão, que já havia se destacado em mapeamentos anteriores, é a capital nordestina com maior quantidade de veículos jornalísticos mapeados, 127 iniciativas (Atlas da Notícia, 2025).

Mesmo com a internet permitindo a criação de inúmeros novos veículos, o Nordeste continua sendo a região com maior proporção de desertos de notícias no país. Embora dados mais recentes mostrem um crescimento de mais de 10% no número de veículos em comparação com o mapeamento anterior (2023), os desafios estruturais e financeiros ainda são significativos (Correia, 2023). A sustentabilidade desses veículos é uma das principais dificuldades enfrentadas, com muitos projetos sendo interrompidos por falta de recursos, apoio institucional ou financiamento contínuo. Em alguns casos, o financiamento acaba vindo de grupos privados ou políticos, o que pode comprometer a autonomia editorial (Correia, 2023).

Nesse cenário, Peruzzo (2005) destaca que a mídia independente, antecedida historicamente pela comunicação alternativa, tem origem em movimentos sociais e contextos que buscam ampliar a democracia. Essas mídias se propõem a representar e difundir conteúdos conectados aos territórios nos quais estão inseridas, reforçando uma informação mais enraizada e democrática. Essa conexão territorial é essencial no caso nordestino, onde as grandes mídias do Sudeste frequentemente ignoram as complexidades culturais, políticas e sociais da região.

Portela (2022) observa que a mídia independente do Nordeste vai além de oferecer um “outro lado da notícia”, desempenhando o papel de mostrar o Nordeste como ele realmente é, em contraste com as imagens estereotipadas frequentemente reproduzidas pela mídia tradicional. As narrativas de miséria, seca e fome, que historicamente marcaram a representação da região, cedem lugar a conteúdos que valorizam a diversidade cultural, a resistência social e a riqueza histórica dos estados nordestinos.

Além disso, Peruzzo (2005, p. 88) afirma que essa mídia se caracteriza por “vínculos de pertença, enraizados na vivência com o lugar e com a informação de qualidade”. Esse pertencimento reforça a relação entre veículo e comunidade, ampliando a participação social na comunicação. Filho (2009) também destaca que a mídia independente no Nordeste se vincula por meio de construções simbólicas que se relacionam com as identidades culturais locais, criando laços de confiança e proximidade entre o público e o produtor de conteúdo.

Segundo Gadini e Schoenherr (2016), o jornalismo independente manifesta-se atrelado às práticas culturais dos territórios, resultando em narrativas que refletem as realidades locais e criam identificação com o espectador. Essa produção é marcada por uma abordagem sensível aos contextos sociais da região, incluindo pautas frequentemente ignoradas, como conflitos agrários, impactos ambientais, políticas públicas locais e movimentos sociais.

Para Fígaro (2013), a mídia independente tem um compromisso mais próximo com as necessidades e demandas das comunidades, evitando a superficialidade e o sensacionalismo que caracterizam, muitas vezes, a cobertura da mídia tradicional. Isso reforça seu papel como mediadora de vozes locais, oferecendo uma cobertura mais crítica e contextualizada dos acontecimentos da região.

Desse modo, os veículos independentes no Nordeste não apenas garantem o acesso à informação, mas também promovem uma comunicação mais horizontal, plural e culturalmente conectada com seu público. Apesar dos desafios enfrentados, essas mídias seguem cumprindo um papel essencial na construção de uma narrativa mais justa e participativa sobre a região.

3. O PAPEL DO EDITOR

O editor desempenha um papel fundamental na produção de conteúdo, sendo responsável por garantir a qualidade, coerência e relevância das informações veiculadas. A edição de conteúdo não se resume apenas à revisão gramatical e ortográfica. Um bom editor também trabalha na curadoria das informações, assegurando que os textos sejam claros, objetivos e engajadores. Como afirma Eugênio Bucci (2004), o papel do editor vai além da correção técnica, sendo essencial na construção da narrativa e na definição do tom editorial de um veículo de comunicação.

Sendo assim, neste capítulo será discutido qual é o papel do editor e suas principais funções dentro de uma redação, assim como a rotina editorial, os desafios enfrentados nos veículos independentes e as condições de trabalho.

1.4 O Papel de um editor e o que ele faz

O editor de um veículo de comunicação, em especial de um veículo jornalístico, desempenha um papel considerado essencial na produção e publicação de conteúdos jornalísticos. Souza (2019) afirma que o editor é o responsável por selecionar, revisar e organizar os textos de diversos autores, garantindo a coerência editorial e a qualidade informativa. Dessa forma, ele atua como um mediador entre os autores e o público, definindo o tom, a linha editorial e a relevância das pautas publicadas.

Para Pereira Junior (2006), ser editor é um teste de caráter, pelas decisões que se é obrigado a tomar em nome do público. Editar é escolher e, ao fazer essas escolhas, o editor determina o valor de um fato. Sendo assim, o editor nada mais é do que o olhar crítico que utiliza suas experiências e conhecimentos para definir o que é importante e relevante dentro de um material jornalístico. Ou seja, ele é um

agente de decisão sobre o que fazer com o conteúdo produzido dentro de um jornal e sobre como enriquecê-lo para torná-lo o melhor possível para a publicação.

Cremilda Medina (2012) afirma que o editor é o responsável por comandar os conteúdos produzidos em um jornal, caderno, seção ou editora. Além de ser o responsável pela definição dos assuntos a serem cobertos, atua também como coordenador dos repórteres que trabalham em sua área. Outro ponto que a autora destaca é que o editor é o responsável final pela qualidade do produto jornalístico (Medina, 2012). Sendo assim, essa figura é um elemento de incumbência na elaboração das produções feitas dentro de uma redação, além de ser o responsável final pela qualidade do produto.

Portanto, devido às demandas e atividades que afligem o editor, ele se torna uma figura que possui grande importância e responsabilidade dentro da redação. O autor Manuel Chaparro, em seu livro *Edição em Jornalismo Impresso* (Chaparro, 2006), ao tratar do papel deste profissional na redação e na sociedade, aponta: “Numa redação de jornal, concentra-se na equipe de editores o poder, a competência, e a responsabilidade de decidir o que deve ser publicado e como deve ser publicado. Está na mão do editor e interface escondida do jornal”. Com isso, o editor é um agente que atua no processo jornalístico na qualidade, seja de fontes, acontecimentos factuais, saberes, bens e serviços que expressam os interesses sociais.

Sendo assim, em suma, o editor jornalístico exerce um papel central e multifacetado dentro da redação, sendo responsável não apenas pela organização e revisão dos conteúdos, mas também pela definição das pautas, do tom editorial e da qualidade final do material publicado. Esse profissional atua como um elo fundamental entre os repórteres e o público, tomando decisões que influenciam diretamente na construção da narrativa jornalística e na forma como os fatos chegam à sociedade. Assim, o editor não é apenas um organizador de conteúdos, mas um agente estratégico, ético e crítico, cuja atuação é essencial para garantir a credibilidade, a relevância e a coerência do jornalismo produzido.

Estando já familiarizados com o que é um editor de jornal, passa-se a analisar como é o trabalho desse profissional dentro de uma redação, as atividades que lhe são atribuídas, e como funciona sua rotina dentro de um veículo de comunicação.

A última edição do Manual de Redação da Folha de São Paulo, publicada em 2021, destaca que um bom editor se caracteriza não só pelos conteúdos que são

publicados dentro de um veículo jornalístico, mas também pelas apurações que ele solicita, refaz ou descarta quando não produzidas com boa qualidade. Além disso, o manual também destaca que o editor tem um trabalho primordial de dar atenção ao repórter, aproveitando o retorno para fazer questionamentos, apresentar sugestões, avaliar a importância da notícia e definir como, quando e em que plataforma ela deve ser publicada (Manual Folha, 2021).

Sendo assim, o editor, segundo o Manual da Folha de S. Paulo, é o responsável por selecionar os acontecimentos mais relevantes na matéria, ordená-los segundo sua importância relativa e editar o material para que seja mais compreensível, garantindo a qualidade do conteúdo, complementando-o com material de apoio e estabelecendo nexos que vão além do óbvio. São essas algumas das atividades atribuídas ao editor. Ao passar por essa lapidação, “o produto que vai ser entregue ao leitor deve ser bem-acabado e atraente, resultando em bom planejamento, apuração profunda, atitude crítica, organização e edição minuciosa” (Manual Folha, 2021). Ou seja, é esperado que o editor tenha uma boa visão de conjunto para assegurar a harmonia do conteúdo jornalístico publicado.

A Folha destaca que o papel do editor é de assegurar que o conteúdo publicado siga as normas do veículo, também é função do editor cobrar o aprimoramento na apuração e na apresentação do conteúdo, sendo ele um texto ou uma imagem (Manual Folha, 2021). Pois uma boa edição oferecerá um material de apoio para facilitar a compreensão da notícia em diferentes níveis. (Manual Folha, 2021), além disso, o editor tem a função de deixar o texto mais atrativo para o leitor prendendo a atenção dele. Ou seja, o editor deve pensar não apenas na melhor maneira de dispor das reportagens, mas também no melhor formato para expor o conteúdo.

Por fim, a Folha de S. Paulo ressalta que um editor deve ser ágil e estar sempre disposto a fazer alterações necessárias, mesmo que isso contrarie o que foi previamente planejado (Manual Folha, 2021). Dessa forma, compreende-se que o editor ocupa uma posição estratégica dentro do processo jornalístico, atuando como um mediador entre o conteúdo bruto e a versão final que será consumida pelo público. Sua responsabilidade vai além da simples supervisão: envolve sensibilidade editorial, domínio técnico e senso crítico apurado para garantir que a informação seja não apenas precisa, mas também relevante, clara e envolvente. É evidente que o trabalho do editor é essencial para manter a credibilidade do veículo e atender às

exigências de um público cada vez mais atento. Assim, o editor é, ao mesmo tempo, guardião da qualidade e curador da narrativa jornalística.

Para o pesquisador Renato Essenfelder (2012), o trabalho de editor se tornou progressivamente mais complexo, diversificado, abrangente, plural e multifacetado nas redações contemporâneas. Isso se dá principalmente pelas mudanças nas rotinas de trabalho, que ocorreram a partir de transformações não apenas no jornalismo, mas também com o surgimento de novas tecnologias, introduzindo novas formas de produzir e novas técnicas de reportagem, além de uma maior preocupação com o interesse do público e a responsabilidade social da profissão (Essenfelder, 2012). Com essas novas transformações, o trabalho de editor acabou por se tornar mais complexo.

Chaparro (1998) define que: “a tarefa mais difícil de um editor é, ao organizar o discurso jornalístico, separar o interesse do público e o relato da atualidade dos interesses particulares, nos quais se incluem os próprios interesses do jornal enquanto polo de poder”. Pois é o interesse público que impõe ao editor a prática que exige um jornalismo que investigue para comprovar o fato. O autor também atribui ao editor a responsabilidade moral do que é divulgado e os efeitos que tal publicação pode causar. “É do interesse público que o torna prioritário, nas decisões do editor, o respeito aos valores, ideias e objetivos éticos que a sociedade humana estabelece em códigos.” (Chaparro, 2006).

Em síntese ao pensamento do autor, o editor não deve se submeter ao fascínio da atividade a ponto de perder de vista o interesse do público. Ou seja, deve estar alinhado com o interesse do público, sem causar interferências significativas com seus interesses pessoais. Para isso, Chaparro (1998, p. 12) afirma que:

Sempre que, por omissão ou por esperteza, desonestidade e incompetência, a decisão do editor privilegia ou permite que se privilegie um interesse particular em detrimento de algum valor simbólico do interesse público, há um processo grave para os processos sociais, cujo sucesso depende, cada vez mais, da credibilidade do jornalista [...]. O editor está permanentemente submetido às tensões derivadas da obrigação de definir e assumir, rapidamente, decisões irreversíveis, que produzem efeitos concretos, num contexto real de confrontos entre interesses legítimos.

O autor afirma que esse teste se dá de duas formas: na prática jornalística exercida pelo editor e na forma como ele gerencia pessoas e estruturas administrativas dentro da redação para que o exercício jornalístico seja viável. Para

Pereira Junior (2012), é no trabalho de edição que se revela a opinião do editor, a inclinação do proprietário do veículo e a força orgânica da linha editorial. Seguindo essa linha, o editor, em resumo, para o autor, ultrapassa a simples organização do conteúdo: ele envolve escolhas éticas, políticas e estratégicas que moldam a narrativa. Assim, sua atuação influencia diretamente na credibilidade e na identidade do veículo jornalístico.

Singer (2010) afirma que o editor precisa ser um profissional com uma certa formação, para conseguir dialogar e conversar com um jornalista sobre determinada matéria. Além disso, deve ser uma pessoa com senso de liderança, com um ótimo olhar para descobrir novos talentos, apostar em novas ideias, reescrever textos e ter paciência. Nessa linha, Essenfelder (2012) reitera que o editor é um agente simultaneamente intuitivo e técnico, em busca da pulsação de notícias, como um mediador. Ou seja, o editor é um intermediador de informações para o bem público.

Chaparro (1998) também afirma que, para além de editar conteúdos jornalísticos, o editor também é um administrador de equipe. Assim, além de dominar aspectos ligados à cultura e ao jornalismo, ele deve prover sua equipe com os recursos necessários e gerenciá-la com eficácia para que seja feito um bom jornalismo. Ele complementa:

O editor é uma simbiose de jornalista e gerente. Em escala maior ou menor, administra recursos humanos, tecnológicos, e financeiros, com o dever de otimizar resultados, tanto sob um ponto de vista do lucro quanto da qualidade jornalística. No seu trabalho, um dos pés finca-se na vertente do negócio e do sucesso econômico, mas o outro jamais pode desgrudar-se dos compromissos com a cultura, ou seja, com os processos de aperfeiçoamento da sociedade, que esse é o lugar do jornalismo (Chaparro, 1998, p. 13).

Portanto, a partir de todos esses pensamentos e reflexões sobre o papel do editor e suas funções no jornalismo contemporâneo, constata-se que ele possui um trabalho multifacetado e central para a qualidade da informação veiculada. Atuando como mediador entre os interesses públicos e privados, o editor precisa aliar competências técnicas, sensibilidade ética, liderança e visão estratégica. Sua atuação impacta diretamente na credibilidade do veículo e na relevância do conteúdo entregue ao público.

Diante dos desafios impostos pelas novas tecnologias, das exigências de uma audiência mais crítica e da responsabilidade social do jornalismo, o editor

consolida-se como peça-chave para assegurar que a informação seja precisa, transparente e socialmente comprometida. Sendo assim, como evidencia Chaparro, o trabalho do editor é progressivamente mais complexo, diversificado, abrangente, plural e multifacetado.

1.5 A Rotina do editor nos veículos independentes

Assim como o editor de um veículo tradicional, o editor de um veículo independente também possui as mesmas funções e atribuições que o cargo exige, como a concepção de pautas, a coordenação da produção e a edição final dos textos. Nesse cenário, o editor desempenha um papel fundamental, atuando como um mediador entre repórteres, editores e a identidade editorial do veículo. Diferentemente dos grandes jornais, nos quais a função do editor está bem definida e segmentada, nos veículos independentes ele acumula diversas responsabilidades, devido principalmente à falta de recursos.

O editor independente exerce, portanto, um papel multifacetado, atuando como elo entre os jornalistas da redação e a linha editorial do veículo, o que reforça a ideia de que sua prática está menos pautada por hierarquias rígidas e mais por uma lógica colaborativa. Peruzzo (2013) destaca que esse modelo de gestão horizontal é característico da comunicação popular e alternativa, em que a construção coletiva da pauta e a autonomia dos repórteres são valorizadas.

Enquanto o editor de um veículo tradicional tem o apoio de uma equipe para preparar e construir alguma matéria/reportagem, o editor de um veículo independente conta apenas com uma equipe formada por um pequeno grupo de profissionais ou, muitas vezes, acaba por trabalhar sozinho, devido à falta de pessoal. Pereira Junior (2007) detalha que, para um editor de veículo tradicional, são demandados alguns aspectos para que ele dê conta da cobertura de determinada pauta, sendo eles: a definição de como será feita a edição do dia, a escolha das pautas que serão trabalhadas, a organização da equipe para a distribuição e preparação do material, a preparação da edição, a definição do que será feito e como será feito com a matéria, e, por fim, as edições seguintes, o que será pautado e feito no dia posterior.

Todo esse detalhamento e divisão sobre o que e de que modo um material produzido deve ser editado está ligado a um veículo tradicional que possui recursos para manter uma equipe que atenda a tais demandas, o que não ocorre em um jornal independente, devido à falta de recursos, que são insuficientes para manter uma equipe. Sendo assim, esse editor acaba, por muitas vezes, assumindo todo o trabalho sozinho.

A rotina desses profissionais é intensa e diversa, abrangendo desde tarefas editoriais até funções técnicas e administrativas. De acordo com Albuquerque (2019), o trabalho nos veículos independentes envolve uma sobreposição de papéis, em que os editores acumulam funções de repórter, gestor, produtor de conteúdo multimídia e estrategista digital, especialmente no que se refere à disseminação de conteúdo em redes sociais e ao uso de ferramentas de análise de métricas. Isso se deve principalmente à falta de estrutura e de recursos, fazendo com que se crie um alto acúmulo de funções.

Outra característica que diferencia o editor de um veículo tradicional do de um veículo independente é a sustentabilidade e a obtenção de capital, que também são preocupações constantes no campo do jornalismo independente. Conforme discorre Amaral (2021), a manutenção de projetos jornalísticos autônomos requer a construção de modelos econômicos sustentáveis, baseados em assinaturas, financiamento coletivo e editais públicos, pois “não existe jornalismo de qualidade sem recursos para sua viabilização”.

Outro desafio enfrentado pelos editores está relacionado à sobrecarga de trabalho. Conforme argumenta Singer (2010), o ambiente jornalístico independente exige alta adaptabilidade e resiliência por parte dos profissionais, que precisam lidar com múltiplas demandas simultaneamente, muitas vezes sem o suporte de uma equipe extensa. Pereira Júnior (2007, p. 161) também discorre sobre esse assunto, ao afirmar que:

O resultado do trabalho jornalístico tem relação profunda com a forma com os cargos estão organizados e com a quantidade de níveis hierárquicos. O tamanho da empresa também pesa: nas grandes há mais especialização e menos comunicação interativa; nas organizações menores há mais autonomia profissional da redação porque há distintas estruturas de autoridades, mais flexíveis, menos formais e centralizadas.

Sendo assim, como afirma o autor, a forma como os cargos estão organizados e o número de níveis hierárquicos influenciam diretamente o resultado do trabalho jornalístico. O jornalismo independente quebra esse paradigma, principalmente por não adotar uma organização horizontal e hierárquica. Quanto mais camadas hierárquicas existem, mais complexas tendem a ser a comunicação e a tomada de decisões. Já nos veículos independentes, por não possuírem essas camadas, os profissionais costumam ter mais liberdade para tomar decisões. Isso se deve ao fato de que a hierarquia é mais flexível, ou até mesmo nula, em alguns casos, como será apresentado mais à frente nesta pesquisa, permitindo maior participação e agilidade na produção jornalística.

Além disso, a disputa por narrativas se mostra como uma das principais motivações e obstáculos do jornalismo independente. Segundo Ramonet (2011), esses veículos buscam romper com o monopólio informativo da grande mídia, oferecendo um olhar crítico e descentralizado sobre temas frequentemente negligenciados. No entanto, esse posicionamento pode expor os jornalistas a riscos, especialmente em contextos de polarização política e ataques à liberdade de imprensa.

Nesse cenário, os editores independentes assumem um papel estratégico não apenas na produção de conteúdo, mas também na defesa de uma prática jornalística comprometida com a pluralidade de vozes e com a democratização do acesso à informação.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo é destinado a apresentar como se deu o processo metodológico desta pesquisa, a fim de explicitar os métodos e técnicas empregados para a coleta de dados e a análise de cada um deles. O estudo foi dividido em três etapas para que fosse alcançado o objetivo desta pesquisa: a primeira foi o levantamento de dados empíricos, no qual foi feita a busca por esses editores; a segunda foi o levantamento bibliográfico e documental; e, por último, a interpretação e análise dos dados coletados. Ainda assim, neste tópico também serão apresentados os conceitos das técnicas metodológicas e de pesquisa utilizadas, assim como os detalhes acerca do corpus do estudo.

2.1 Levantamento e exploração dos dados

Este estudo tem como principais pilares uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada em um mapeamento descritivo e na investigação da atuação dos editores que trabalham em veículos de jornalismo independente no Nordeste. Conforme destaca Fígaro (2018), a pesquisa exploratória consiste na busca ativa do pesquisador por elementos relevantes ao tema investigado, compondo um percurso inicial que permite alcançar os objetivos propostos.

Gasque (2007) salienta que os estudos qualitativos têm como característica a análise interpretativa dos dados, influenciada pela subjetividade do pesquisador, que atua como sujeito central tanto no processo de coleta quanto de interpretação. Essa abordagem não busca quantificar os dados, como nos estudos quantitativos, mas sim compreender fenômenos complexos a partir de perspectivas sociais, culturais e contextuais. Como reforça Costa (2020), a pesquisa qualitativa é especialmente eficaz para responder a questões sociais complexas, como é o caso da presente investigação sobre o trabalho dos editores em veículos independentes do Nordeste.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na exploração e mapeamento dos veículos de mídia independente atuantes na região. Inicialmente, utilizou-se a ferramenta de busca Google, com palavras-chave como “veículos independentes no Nordeste”, “jornalismo independente”, “portal de notícias independentes” e “mídia independente”. Esse processo permitiu identificar iniciativas relevantes para o objeto da pesquisa.

Durante a busca, foi localizada a plataforma Mapa da Cajueira, um projeto colaborativo que visa mapear iniciativas jornalísticas independentes e colaborativas na região Nordeste. De acordo com Ferro (2020), essa plataforma se caracteriza por um processo sistemático de curadoria, catalogação e divulgação de veículos jornalísticos independentes. Foram identificadas mais de 100 iniciativas, incluindo sites, podcasts, rádios e revistas. Contudo, para os fins desta pesquisa, foram considerados apenas os principais sites jornalísticos de cada estado.

Além do Mapa da Cajueira, também foi utilizado o banco de dados do Atlas da Notícia, que realiza o mapeamento de veículos locais e regionais de jornalismo. Essa ferramenta nacional contou com a colaboração de pesquisadores de diferentes regiões do país. A análise dos dados revelou que os veículos independentes identificados pelo Atlas coincidiam, em sua maioria, com aqueles já listados pelo Mapa da Cajueira.

Com base nas plataformas mencionadas, foram selecionados 9 (nove) veículos independentes, sendo um de cada estado nordestino, com base em critérios como audiência e atuação contínua no ambiente digital. O foco foi direcionado a veículos exclusivamente em formato de site. Para identificar os mais relevantes, foi realizada uma análise de engajamento *online*, considerando o número de seguidores e a atividade nas redes sociais, como *Instagram*, *Twitter*, *YouTube* e *Facebook*.

Após a seleção dos veículos, deu-se início ao contato com os editores responsáveis. Em alguns casos, os sites disponibilizavam informações de contato direto com suas equipes editoriais. Em outros, foi necessário enviar mensagens institucionais solicitando o contato do editor-chefe.

As entrevistas foram realizadas de forma remota, por meio da plataforma *Google Meet*. O roteiro seguiu o modelo de entrevistas semiestruturadas, com perguntas abertas e fechadas, conforme a proposta de Duarte (2005), o que permitiu compreender com maior profundidade os processos editoriais desses profissionais. No total, foram entrevistados 9 (nove) editores, um de cada estado nordestino, gerando **6 horas, 11 minutos e 6 segundos de material bruto**.

O roteiro das entrevistas contou com 11 perguntas principais, listadas a seguir:

1. Qual a diferença entre trabalhar em um veículo tradicional e em um veículo independente?
2. Quais são as suas principais atividades como editor?
3. Como funciona a edição de matérias em um veículo independente? Os repórteres têm mais liberdade para escrever sobre diferentes assuntos?
4. Você monitora os títulos? Quem escreve os títulos?
5. Como surgiu a ideia de criar esse veículo de notícias independente?
6. Quais são as formas pelas quais o veículo consegue recursos financeiros?
7. Quais são suas principais fontes para definição de pautas?
8. O veículo utiliza algum software de inteligência artificial para auxiliar na edição de conteúdo?
9. Quando e como as pautas são definidas? Como se faz a seleção do que será produzido?
10. Como é feita a edição final do conteúdo?
11. Conte um pouco da sua trajetória profissional e como se tornou editor.

Com a finalização da etapa de entrevistas, iniciou-se a segunda fase da pesquisa: a investigação bibliográfica e documental. O objetivo dessa etapa foi construir um embasamento teórico consistente sobre o tema.

Durante a busca por fontes bibliográficas, foi constatada uma escassez de estudos que abordem especificamente o papel do editor no jornalismo independente. Em contrapartida, identificou-se uma vasta produção acadêmica sobre o jornalismo independente em si, com discussões que datam desde a década de 1980, mas que vêm sendo atualizadas a partir de novos recortes e abordagens.

Mesmo diante da limitada literatura voltada ao editor em veículos independentes, foi possível reunir um conjunto significativo de autores que serviram de referência para o embasamento teórico desta pesquisa, entre eles: Roseli Fígaro (2018), Luíz Costa Pereira Júnior (2006), Nelson Reis (2017), Wilson Gomes (2018), Mariana Correia (2023), Eugênio Bucci (2004), Renato Essenfelder (2012), Cremilda Medina (2012), Manuel Chaparro (1998) e Suzana Singer (2010).

O levantamento bibliográfico teve como objetivo a conceituação e caracterização tanto do jornalismo independente quanto da figura do editor. Conforme aponta Fígaro (2018), essa etapa envolveu a análise de livros, artigos científicos, periódicos acadêmicos, além de trabalhos apresentados em congressos e simpósios da área da comunicação e ciências sociais aplicadas.

2.2 Conhecendo o *corpus* da pesquisa

O *corpus* deste estudo foi delimitado com base na proposta de investigar as práticas de jornalistas que atuam como editores em sites noticiosos dos estados do Nordeste brasileiro. O recorte volta-se, portanto, para profissionais que exercem a função de editor em veículos considerados de referência em seus respectivos estados, no campo do jornalismo independente.

A investigação é orientada pelas seguintes perguntas norteadoras:

1. Quem são esses jornalistas e quais são suas condições de trabalho como editores em veículos independentes?
2. Quais são as particularidades e os desafios relacionados a essa função?
3. Como esses profissionais lidam com as transformações do mercado e da profissão nos âmbitos econômico, ético e identitário?

Tais questionamentos motivaram o desenvolvimento da pesquisa para compreender como se dá a atuação desses editores em veículos que rompem com o modelo tradicional do jornalismo. A proposta é analisar as modificações nas práticas de edição, considerando que essa função passou a incorporar novas exigências e a abandonar antigas rotinas, especialmente quando comparada à lógica dos jornais impressos ou dos grandes veículos convencionais.

Dessa forma, o estudo busca traçar um panorama das particularidades da atuação editorial no jornalismo independente regional, evidenciando os principais desafios enfrentados por esses profissionais no que se refere às condições de trabalho, às demandas cotidianas da função e às exigências impostas por um campo em constante transformação.

Sendo assim, o levantamento empírico reuniu nove editores que trabalham em sites de jornalismo independente. No Quadro 1 são apresentados os respectivos veículos dos editores entrevistados.

Quadro 1 - Editores e os respectivos veículos

EDITORES E VEÍCULOS		
EDITORES	VEÍCULOS	UF - CIDADE
José Christian	Agência Manguê de Jornalismo	Aracajú - Sergipe
Adelaide Maria	Portal Acta	Maceió - Alagoas
Luan Matheus	O Corre Diário	Teresina - Piauí
Jamile Menezes	Portal Sotero Preta	Salvador - Bahia
Miguel Walker	Marco Zero	Recife - Pernambuco
Joaquim Gregório	O Pedreirense	Pedreiras - Maranhão
Cledivânia Pereira	Agência Saiba Mais	Natal - Rio Grande do Norte
Taty Valéria	Paraíba Feminina	João Pessoa - Paraíba
Maristela Crispim	Eco Nordeste	Fortaleza - Ceará

Fonte: Autor (2025)

Para conhecer melhor as iniciativas independentes, seguem abaixo a descrição de cada veículo. As informações descritas a seguir partiram das autodeclarações das próprias mídias que podem ser consultadas nas abas “Sobre Nós” ou “Quem Somos”, disponíveis nos sites.

2.2.1 Agência Manguê de Jornalismo/Aracaju - Sergipe

A Agência Manguê de Jornalismo, conforme exemplifica a Figura 1, é um produto do Centro de Estudos em Jornalismo e Cultura Cirigype, uma associação sem fins lucrativos que busca realizar um jornalismo de qualidade e independente. “Trata-se de uma organização da sociedade civil, sem qualquer vinculação político-partidária, sediada em Aracaju, Sergipe, Nordeste do Brasil, movida pelo propósito de promover o jornalismo como lugar de debate no interesse público, com participação democrática, que prima pela rigorosa apuração, busca da verdade no relato dos acontecimentos e precisa apresentação do conteúdo jornalístico.”, conforme está descrito na autodeclaração na aba “Sobre nós”.

Figura 1 - Página inicial da Agência de Jornalismo Manguê



Fonte: Captura de tela do site Manguê Jornalismo (2024)

O veículo surgiu em 2012, e atualmente a redação da Agência Manguê de Jornalismo conta com seis profissionais, dentre eles um editor. Atualmente contam com cerca de 5.950 seguidores, distribuídos em 5.146 seguidores no *Instagram*, 710 seguidores no *X (Twitter)*, 51 seguidores no *Facebook* e 43 inscritos no *Youtube*.

2.2.2 Portal Acta/Maceió - Alagoas

O Portal Acta é um canal de notícias multiplataforma, conforme ilustra a Figura 2, lançado em 2019, e se apresenta com o objetivo de “levar à sociedade pautas de interesse público, de forma clara, precisa e no menor tempo possível, zelando sempre pela qualidade da informação”, conforme está descrito na aba “Quem somos”.

Seus fundadores são jornalistas das mais diversas áreas e com passagem pelos principais veículos de comunicação de Alagoas. O Acta nasceu 6 (seis) meses após a greve dos jornalistas do estado contra a proposta de redução do piso salarial da categoria e se apresenta como uma alternativa aos veículos de comunicação já existentes.

Atualmente a redação do Acta conta com 10 (dez) pessoas, formadas em Jornalismo, Publicidade ou Comunicação Social, ou que estão concluindo um desses cursos, além de dois editores.

Figura 2 - Página inicial do Portal Acta



Fonte: Captura de tela do site Portal Acta (2024)

Sua rede de seguidores conta com cerca de 54,1 mil seguidores no *Instagram*, pouco mais de 1.574 seguidores X (*Twitter*), 15 mil seguidores no *Facebook* e mais de 56,1 mil inscritos no *Youtube*.

2.2.3 O Corre Diário/Teresina - Piauí

O Corre Diário é um veículo de comunicação popular e colaborativo que afirma ter como objetivo “promover uma comunicação caracterizada pela liberdade, potenciais emancipatórios, diálogo, pluralidade e perspectivas decoloniais”, segundo a aba “Sobre nós” do site. Ver Figura 3 abaixo:

Figura 3 - Página inicial do Portal O Corre Diário



Fonte: Captura de tela do portal O Corre Diário (2024)

Situado na Chapada do Corisco, região habitada por diversos povos indígenas e quilombolas, o Corre Diário foi fundado em 2018 por um grupo de jovens comunicadores no estado do Piauí. A redação do Corre Diário é composta por 10 (dez) profissionais, sendo que alguns são graduados em Jornalismo e outros estão em fase de conclusão do curso. Em suas redes sociais, possuem 4.811 seguidores no *Instagram*, 358 no X (*Twitter*), 888 no *Facebook*, e ainda não possuem mídia no *YouTube*.

2.2.4 Portal Sotero Preta/Salvador - Bahia

O Portal Sotero Preta é o primeiro portal de notícias voltado, prioritariamente, para a produção cultural (artes, música, teatro, audiovisual, memória, dança, formação, literatura, religião, gastronomia, moda, políticas culturais, etc.) soteropolitana, construída, formada, mobilizada e destinada à comunidade negra de Salvador. Criado em 10 de outubro de 2016, o portal, apresentado na Figura 4, também tem como intuito “atingir as demais etnias interessadas na produção cultural negra soteropolitana, que atuem para divulgá-la, valorizá-la e promovê-la”, conforme declarado na aba “Sobre nós”. Ele também abarca a produção de outros municípios baianos que tenham alcance em Salvador, para o mesmo público.

Figura 4 - Página inicial do Portal Sotero Preta



Fonte: Captura de tela do Portal Sotero Preta (2024)

O Portal Sotero Preta conta, atualmente, com duas profissionais responsáveis pelo conteúdo do veículo, sendo uma delas editora. No *Instagram*, contam com cerca de 11,4 mil seguidores; no X (*Twitter*), com apenas dois seguidores; no *Facebook*, com aproximadamente 10 mil seguidores; e no *YouTube*, com 260 inscritos.

2.2.5 Marco Zero/Recife - Pernambuco

A Marco Zero, conforme Figura 5 a seguir, é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem por objetivo qualificar o debate público, promovendo o jornalismo investigativo e independente. “Em um cenário de concentração de mídia e perda de credibilidade dos meios de comunicação tradicionais, como vem ocorrendo no Brasil, a Marco Zero aposta na produção de reportagens e conteúdos que exponham as relações de poder, dando destaque a temas de interesse público invisibilizados pela mídia corporativa.” Informação retirada da aba “Sobre nós”.

Figura 5 - Página inicial do Portal Marco Zero



Fonte: Captura de tela do Portal Sotero Preta (2024)

O veículo surgiu em 2008 e, atualmente, possui 19 profissionais, dentre os quais dois editores, responsáveis pela edição de conteúdo do site. Possuem forte presença nas redes sociais, com cerca de 52,1 mil seguidores no *Instagram*, 20,6 mil no *X* (*Twitter*), aproximadamente 23 mil no *Facebook* e 3,58 mil inscritos no *YouTube*.

2.2.6 O Pedreirense/Pedreiras - Maranhão

O Pedreirense é um Portal de notícias idealizado para realizar uma cobertura jornalística diária para a região do Médio Mearim, montando uma redação com sede em Pedreiras/MA e como meta de não limitar as suas fronteiras nos assuntos de interesse nacional, conforme ilustra a Figura 6. Na aba quem somos o portal declara “Oferecer informação de qualidade, de forma ética, profissional e independente, comprometida com os fatos e que ajude a promover a cidadania e o desenvolvimento econômico, cultural e social da comunidade.”

Figura 6 - Página inicial do Portal O Pedreirense



Fonte: Captura de tela do portal O Pedreirense (2024)

O Pedreirense conta atualmente com 3 (três) pessoas em sua equipe, sendo uma delas 1 (um) editor e outra 1 (uma) editora assistente. Está presente em redes sociais, como por exemplo, o *Instagram* com 10,2 mil seguidores, no *X (Twitter)* com 131 seguidores, no *YouTube* com 1,13 mil inscritos e no *Facebook* 680 seguidores.

2.2.7 Agência Saiba Mais / Natal - Rio Grande do Norte

A Agência Saiba Mais é um veículo de jornalismo local e independente, fundado em 2017, na cidade de Natal (RN). A Figura 7 ilustra seu portal online. Sua atuação é voltada para a produção de conteúdos sobre o Rio Grande do Norte. As pautas abordadas pela agência abrangem diversas áreas, incluindo política, educação, saúde, segurança, meio ambiente, cultura, mobilidade e intervenção urbana, além dos direitos dos trabalhadores, conforme descrito na aba “Sobre nós”.

Figura 7 - Página inicial do Portal Agência Saiba Mais



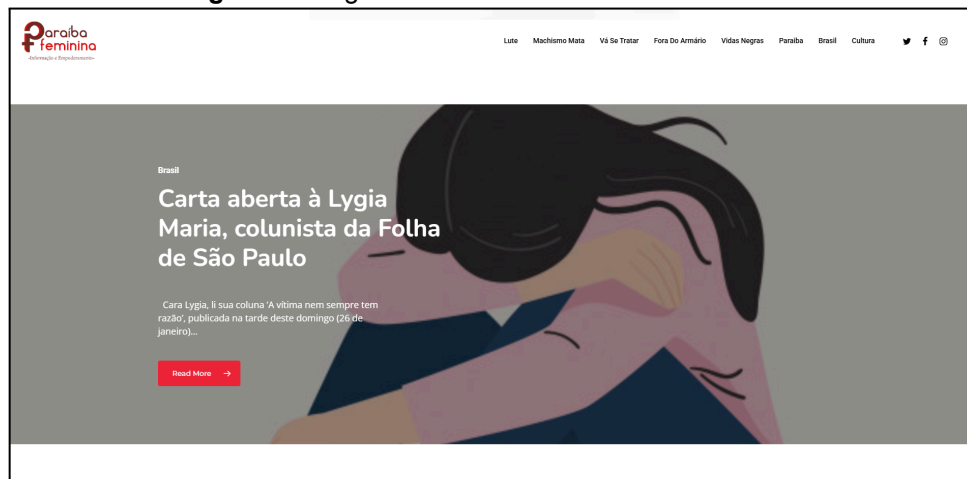
Fonte: Captura de tela do portal Agência Saiba Mais

Atualmente a Agência Saiba Mais conta com 8 (oito) profissionais ao todo, sendo dessas 2 (duas) editoras. Em suas redes sociais, contam com 28,2 mil seguidores no Instagram, 3.713 no X (Twitter), 6,4 mil no Facebook e, no YouTube, atualmente, 6,24 mil inscritos.

2.2.8 Paraíba Feminina - João Pessoa - Paraíba

O projeto Paraíba Feminina é idealizado e realizado por Taty Valéria, com o apoio e colaboração de Márcia Marques, ambas jornalistas graduadas pela Universidade Estadual da Paraíba. Na aba “Quem somos”, o veículo declara que “a bandeira principal é denunciar os desmandos das minorias e dar holofote a quem precisa e tem necessidade de ser valorizado na sociedade”, conforme ilustrado na Figura 8 abaixo.

Figura 8 - Página inicial do Portal Paraíba Feminina



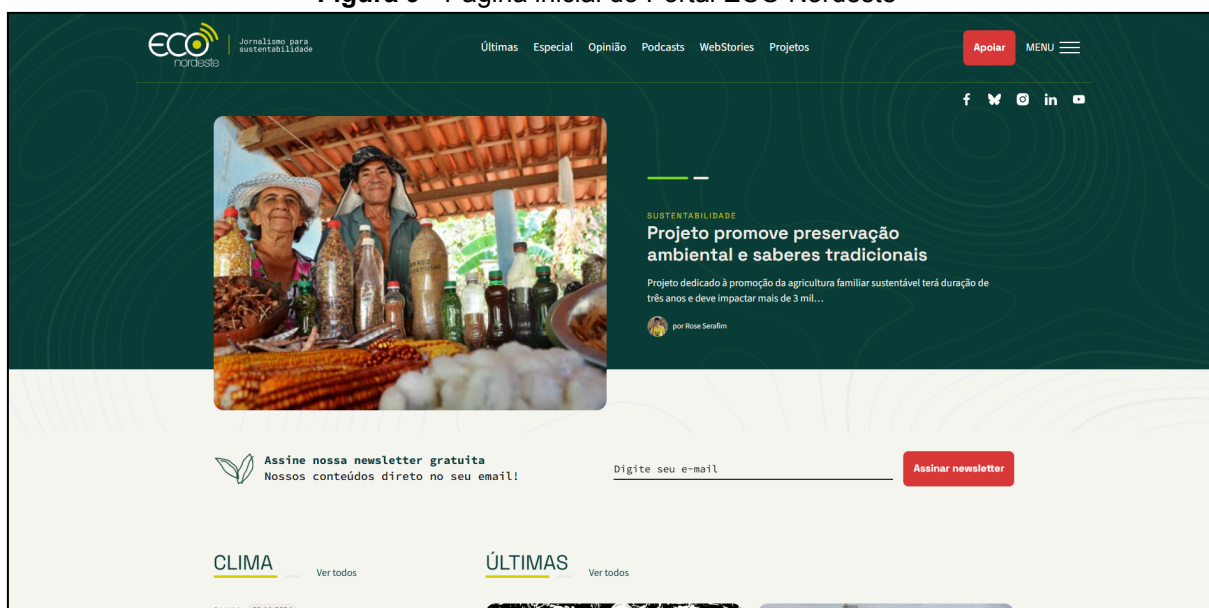
Fonte: Captura de tela do portal Paraíba Feminina (2024)

Atualmente a redação do Paraíba Feminina conta com 2 (duas) profissionais formadas em Jornalismo, sendo uma delas a editora e idealizadora do veículo. O portal possui 34,5 mil seguidores no *Instagram*, 13,7 mil no X (*Twitter*) e 765 inscritos no *YouTube*, porém sem presença no *Facebook*.

2.2.9 ECO Nordeste - Fortaleza - Ceará

A ECO Nordeste é uma agência de notícias focada em pautas voltadas ao Desenvolvimento Sustentável no Nordeste, conforme mostra a Figura 9. A ECO Nordeste apresenta, na sua aba “Saiba mais”, a missão de produzir conteúdo positivo que dê visibilidade e estimule atitudes para o desenvolvimento sustentável no Nordeste brasileiro.

Figura 9 - Página inicial do Portal ECO Nordeste



Fonte: Tela de captura do portal ECO Nordeste (2024)

O veículo surgiu em 2018 e, atualmente, a redação da ECO Nordeste conta com um total de 11 jornalistas e uma editora-chefe. No *Instagram*, contam com 7,2 mil seguidores; no X (*Twitter*), não possuem divulgação oficial; no *Facebook*, têm 2,8 mil seguidores; e no *YouTube*, cerca de 896 inscritos.

3 RESULTADOS E ANÁLISES

O objetivo deste capítulo é apresentar os resultados obtidos a partir das entrevistas realizadas com editores de veículos de jornalismo independente da região Nordeste. As entrevistas reuniram respostas de nove editores, cada um representando uma iniciativa independente de um estado nordestino.

A partir das falas desses profissionais, foi possível alcançar os objetivos deste estudo: compreender como é a rotina de trabalho dos editores em veículos independentes, descrever suas principais atividades e detalhar os desafios enfrentados no exercício da função, a partir da perspectiva de quem ocupa esse cargo.

Além disso, o capítulo também destaca outras características relevantes dos veículos analisados, oferecendo uma visão mais ampla sobre o funcionamento da mídia independente na região.

3.1 Diferença de trabalhar em um veículo independente e um veículo tradicional

Antes de adentrar de fato na análise deste tópico, é importante frisar que todos os editores entrevistados para este estudo trabalharam em algum veículo de jornalismo tradicional, e posteriormente, acabaram mudando para o jornalismo independente.

Durante as entrevistas com os 9 (nove) editores, dois pontos principais se destacaram quando se falou sobre as diferenças entre o trabalho em um veículo independente e em um veículo tradicional: a forma de trabalhar e a liberdade para escolher e tratar pautas que, geralmente, não têm espaço na grande mídia. O editor 1 explicou que a principal diferença está nas limitações que os editores de veículos tradicionais enfrentam.

Segundo José Christian, editor da Agência Mangue de Jornalismo (2024):

“O editor tradicional tem uma dificuldade com uma série de amarras políticas e econômicas da organização. Então, ele é funcionário de uma organização midiática que tem outros objetivos, como, por exemplo, fazer com que o veículo de comunicação tenha audiência, venda material e atenda determinados interesses políticos e econômicos com determinadas

reportagens. Já no jornalismo independente é o inverso desse processo, pois nós não temos amarras.” (informação verbal)¹

Assim como ele, a editora da Agência Saiba Mais, em Aracaju (SE), também compartilhou dessa visão. Para ela, a diferença principal está na forma como os temas são escolhidos e tratados.

Para Cledivânia Pereira, editora da Agência Saiba Mais (2025):

“Os veículos tradicionais costumam seguir uma linha editorial alinhada aos interesses de grandes grupos econômicos e políticos. Muitas vezes, suas matérias refletem a visão das elites, deixando de lado a realidade da classe trabalhadora. Já no jornalismo independente, nossa prioridade é trazer narrativas que não encontram espaço na grande mídia.” (informação verbal)²

As falas dos editores representam o mesmo ponto de vista de outros entrevistados. A partir dos relatos, fica claro que a principal diferença está na autonomia editorial que os veículos independentes oferecem. Enquanto os meios tradicionais enfrentam limitações relacionadas à audiência, à publicidade e aos interesses de grupos políticos e econômicos, os veículos independentes têm mais liberdade para escolher temas que representem a diversidade da sociedade, especialmente grupos sociais que costumam ser invisibilizados pela grande mídia.

Essa liberdade editorial é apontada como um dos maiores diferenciais do jornalismo independente e como uma de suas maiores responsabilidades.

3.2 Principais atividades como editor de um veículo independente

A análise dos relatos dos editores em relação às suas atividades mostra que o trabalho deles é bem mais amplo do que nas redações tradicionais. Enquanto nos veículos maiores as funções costumam ser mais divididas e especializadas, nos veículos independentes o editor acaba acumulando diversas tarefas. Ele não cuida apenas da edição de texto, mas também atua como gestor de equipe, define pautas, organiza o conteúdo e, em alguns casos, ainda cuida das redes sociais do veículo.

¹ Entrevista concedida por editor Agência Manguê de Jornalismo [19 mar 2024]. Entrevistador: Pedro Ítalo da Silva Farias. Imperatriz, 2024. 1 arquivo (41 min. 52s). A entrevista encontra-se transcrita de forma parcial no Apêndice A desta monografia.

² Entrevista concedida por editor Agência Saiba Mais [08 jan 2025]. Entrevistador: Pedro Ítalo da Silva Farias. Imperatriz, 2025. 1 arquivo (38 min. 21s). A entrevista encontra-se transcrita de forma parcial no Apêndice G desta monografia.

Nos relatos de editores da Marco Zero e da Eco Nordeste, por exemplo, ficou claro que o papel do editor é central em todas as etapas da produção. Ele participa desde a escolha das pautas até o momento em que o conteúdo vai ao ar, respeitando sempre a linha editorial do veículo. Esse envolvimento em várias etapas mostra um compromisso significativo com a qualidade e com a proposta do jornalismo que se faz nesses espaços.

Outro ponto importante é que as decisões dentro das redações são mais coletivas. Em veículos como O Corre Diário e a Agência Saiba Mais, todos os membros da equipe participam da construção das pautas e das reportagens. Sem uma hierarquia rígida, os editores conseguem transitar entre várias funções, como escrever matérias, editar textos e produzir conteúdo para redes sociais.

Além disso, também faz parte da rotina desses profissionais acompanhar como as matérias estão sendo recebidas pelo público. Eles analisam os dados das redes sociais, adaptam o conteúdo para diferentes plataformas e observam as reações dos leitores. Isso mostra como a gestão da audiência também é uma parte importante do trabalho editorial.

A partir dos relatos, é possível perceber um padrão, em que todos os nove editores entrevistados disseram que acumulam várias funções. Ou seja, o trabalho vai muito além de revisar um texto. Eles precisam dar conta de muitas tarefas, como explica o editor Luan Matheus, do O Corre Diário (PI): “Eu faço de tudo um pouco. Às vezes eu edito ou passo para um outro repórter que edita, que faz a revisão, ou às vezes assumo o papel de pauteiro.” (Luan Matheus, editor O Corre Diário, 2024 – informação verbal)³

Essa realidade mostra que, por conta da falta de estrutura e de recursos, os editores precisam ser versáteis e estar preparados para assumir diversas funções ao mesmo tempo. Essa questão da limitação financeira será aprofundada nos próximos tópicos desta análise.

³ Entrevista concedida por editor O Corre Diário [21 mar 2024]. Entrevistador: Pedro Ítalo da Silva Farias. Imperatriz, 2025. 1 arquivo (38 min. 39s). A entrevista encontra-se parcialmente transcrita no Apêndice C desta monografia.

3.3 Renda, sustentabilidade financeira e desafios

Se fôssemos resumir em uma palavra a principal dificuldade enfrentada pelos veículos de Jornalismo independente, essa palavra seria “financeira”. Em todas as 9 (nove) entrevistas realizadas com os editores, essa foi a questão mais recorrente.

Para a editora da Eco Nordeste, Maristela Crispim (2025), “A insegurança financeira, de você manter o jornalismo independente vivo e buscar como se financiar é a principal dificuldade de manter essa mídia ativa.”

Essa fala foi uma das mais representativas entre os entrevistados, reforçando que os problemas financeiros são uma barreira constante para a continuidade e o crescimento desses veículos.

Em dois dos casos, os editores relataram que, em algumas situações, precisam utilizar recursos próprios para manter o veículo funcionando. Além disso, muitos conciliam outras atividades profissionais, justamente para conseguir gerar renda pessoal e ainda investir no próprio projeto jornalístico.

Ao contrário das grandes mídias, que contam com apoio de grandes anunciantes e até mesmo verbas governamentais, os veículos independentes precisam desenvolver suas próprias estratégias para se manter. Para a editora Taty Valéria, da Paraíba Feminina (2025), “A sobrevivência depende do financiamento dos próprios leitores e de parcerias com movimentos sociais.”

Além disso, os editores também apontaram outras formas de arrecadação, como a participação em editais públicos, bolsas de fomento ao jornalismo independente e doações espontâneas feitas pelos leitores.

A limitação de recursos não afeta apenas a parte financeira: ela interfere diretamente na estrutura do veículo e nas condições de trabalho dos editores. Como mostrado nas entrevistas, a função do editor vai muito além de revisar e ajustar textos. Em muitos casos, os editores também acumulam tarefas de produção, planejamento, organização financeira e até de gestão de redes sociais.

José Christian da Agência Mangue de Jornalismo (2025) destaca, “Eu sou um editor que me envolvo da concepção da reportagem até a última palavra, participo de todo o processo para dar força ao repórter, para orientar, estimular, etc. É um trabalho muito grande com pouca estrutura.”

Essa fala mostra como a falta de equipe e recursos obriga os editores a assumirem diversas funções, o que é diferente do que ocorre nas redações tradicionais, onde as tarefas são mais distribuídas entre setores específicos.

Diante desse cenário, fica evidente que a sustentabilidade financeira é um dos maiores desafios enfrentados pelo jornalismo independente. A ausência de um financiamento contínuo, somada à falta de políticas públicas específicas para o setor, faz com que esses projetos dependam muito do engajamento do público e da dedicação pessoal de quem os realiza. Mesmo assim, os relatos mostram que esses profissionais continuam trabalhando com resistência, criatividade e comprometimento, fazendo um jornalismo que, mesmo com limitações, tem impacto social, valor local e compromisso com a diversidade de vozes.

3.4 Rotina, carga horária e como as pautas são definidas

Nos veículos independentes, a rotina de trabalho é marcada por uma combinação de flexibilidade e intensidade, que se reflete na natureza dinâmica e, muitas vezes, precária dessas organizações. De acordo com os relatos dos editores, a carga horária costuma ser extensa, com profissionais frequentemente acumulando funções, que vão desde a apuração até a publicação do conteúdo. O tempo dedicado às atividades diárias desses profissionais varia, mas, com as respostas dadas pelos editores, é possível ter uma média do tempo de trabalho dedicado aos veículos. De acordo com os profissionais, eles dedicam cerca de sete a dez horas de trabalho.

Não só os editores, mas também os repórteres trabalham em turnos variados, incluindo fins de semana e feriados, além da cobertura em situações emergenciais que demandam uma resposta imediata. A ausência de grandes estruturas faz com que as equipes, geralmente enxutas, precisem se adaptar constantemente, assumindo responsabilidades além de suas funções principais. Outro ponto comum relatado pelos editores na entrevista é o trabalho remoto, que acaba por reduzir custos operacionais.

A definição das pautas nos veículos independentes é feita de forma mais coletiva e participativa, ou seja, tanto o editor quanto o repórter fazem sugestões de pautas, que são decididas coletivamente dentro da redação, mantendo o foco em

temas que não são cobertos pela grande mídia. A partir das respostas dos editores, foi possível traçar quatro pontos como critério para definição de pautas, sendo eles:

- a) **Relevância social:** prioridade para temas que impactam a vida das pessoas e que são negligenciados pela mídia tradicional;
- b) **Ineditismo:** abordagem de pautas que a grande mídia ignora ou trata de forma superficial;
- c) **Escuta social:** pautas que, muitas vezes, surgem a partir da observação do que está acontecendo na cidade/estado de atuação do veículo, frequentemente oriundas de movimentos sociais, denúncias populares ou acontecimentos locais ignorados pelas grandes mídias;
- d) **Pautas Factuais:** são aquelas produzidas a partir de acontecimentos urgentes, como, por exemplo, acidentes, desastres, entre outros.

3.5 Como funciona as edições das matérias em um veículo independente

Nas mídias independentes, o processo de edição é marcado por uma abordagem mais colaborativa e menos hierárquica do que na mídia tradicional. A edição não se limita apenas à correção gramatical ou ao ajuste de texto, mas envolve um diálogo constante entre repórteres e editores, garantindo que o conteúdo permaneça alinhado com a linha editorial do veículo. Além disso, os entrevistados relataram que a edição, muitas vezes, começa antes mesmo da escrita de um texto, ou seja, no momento da discussão da pauta, quando são definidos o enfoque, as fontes e a abordagem que será tomada.

Mas, apesar desse estilo mais colaborativo, ainda assim o editor possui um peso maior sobre a edição do conteúdo, realizando checagem dos fatos, dados e revisão que vão além da gramática, como a análise da clareza e coerência do texto, verificando se a narrativa está fluida e se o leitor conseguirá acompanhar o raciocínio, além da contextualização, isto é, trazendo mais aprofundamento para as matérias que serão publicadas, e assegurando o rigor com as fontes.

Portanto, apesar de algumas diferenças, a edição em veículos independentes segue as mesmas regras de edição dos veículos tradicionais, isto é, assegurar que o conteúdo publicado esteja de acordo com as normas do jornalismo, garantindo bons

resultados. Sendo assim, a maior diferença está na forma como a edição é tratada: enquanto, no modelo tradicional, o editor está a alguns níveis acima na pirâmide da redação, exercendo apenas essa função, no independente ele se alinha à redação em uma forma de edição conjunta, envolvendo-se em todos os processos e até mesmo em atividades que vão além do cargo.

3.6 Título: Quem faz e como é pensado

Os títulos jornalísticos são a porta de entrada para uma matéria; são o primeiro contato do leitor com o texto e aquilo que definirá se ele vai ou não ler aquele conteúdo. O Manual da *Folha de S. Paulo* (2021) afirma que o título deve ser claro, atraente e exato. Nos veículos independentes, a criação dos títulos também é um processo feito de forma colaborativa, entre repórter e editor. A partir da análise das entrevistas, foi possível traçar três etapas que compõem a forma como o título é feito em uma mídia independente:

:

- a) **Repórter sugere primeiro:** quem escreve a matéria propõe uma sugestão de título inicialmente, já que conhece o conteúdo em profundidade;
- b) **Editor revisa e ajusta:** o editor analisa se o título sugerido reflete o teor da reportagem e se é atraente, sem ser sensacionalista;
- c) **Discussão coletiva (em alguns casos):** em veículos como O Corre Diário e a Agência Mangue de Jornalismo, os títulos podem ser debatidos em grupo antes da publicação.

Além disso, também foi apontado pelos editores que, no momento da formulação do título, ele deve ser preciso, evitando títulos enganosos (*clickbaits*), pois o leitor deve saber exatamente o que encontrará ao ler aquela matéria. Sendo assim, os títulos nos veículos possuem critérios comuns de construção. Esses critérios foram traçados a partir da padronização nas respostas dos editores durante as entrevistas, sendo eles:

- Alinhamento com o conteúdo real da matéria;
- Rejeição de sensacionalismo;

- Clareza e precisão;
- Relevância social do tema abordado;
- Atenção ao impacto social;
- Ético e político da linguagem usada e evitar promessas falsas ou manchetes enganosas.

Ademais, em todos os veículos, os títulos são pensados para obter um bom alcance e engajamento, por meio de *Search Engine Optimization* (SEO), que é um conjunto de práticas utilizadas para melhorar a visibilidade de um site nos resultados de pesquisa do Google. Em pelo menos três casos, os editores relataram que mudam os títulos mesmo depois de publicados, para que eles tenham mais engajamento e buscas. Nessas situações, os editores relataram que informam ao leitor que a matéria passou por uma edição.

Portanto, a partir do que foi dito pelos editores, é possível perceber que o modo de criação de um título em um veículo independente é bastante semelhante ao modo de criação em um veículo tradicional. Como define o Manual da *Folha de S. Paulo* (2021), o título precisa atrair a atenção do leitor e ser claro. Assim sendo, o título é visto como parte da narrativa jornalística, sendo elaborado com cuidado, com participação tanto do repórter quanto do editor, e sempre visando informar com responsabilidade social e editorial.

3.7 Formação acadêmica

Todos os entrevistados possuem formação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, o que demonstra que, nos veículos independentes, a base acadêmica é valorizada. No entanto, o que mais se destaca é que, além da graduação, a trajetória prática e as experiências diversas nas redações tiveram um papel decisivo na formação profissional de cada um. A experiência prática foi fundamental, especialmente nas funções de edição.

Nas entrevistas, todos os 9 (nove) relataram que passaram por veículos tradicionais antes de migrar ou criar seus próprios projetos de comunicação independente. Foi destacada a valorização das vivências em reportagens de rua e do contato direto com as fontes, reconhecendo isso como um complemento essencial para a formação profissional. Um dos editores destacou que ser repórter

foi essencial para sua formação como editor, reforçando que o aprendizado e o desenvolvimento de um olhar crítico e social aconteceram na prática profissional.

Para José Christian da Agência Manguê de Jornalismo (2024):

"O que me levou à condição de ser editor foi a condição de repórter. Eu só sou editor porque eu sou repórter. Não existe nenhum editor que não tenha sido repórter. Ele pode até ter a nomenclatura de editor, mas se ele não foi repórter, ele não é um verdadeiro editor." (informação verbal)

A fala evidencia que a graduação foi a base, e o verdadeiro aprendizado aconteceu ao longo da vivência jornalística, nas ruas e nas redações, com o desenvolvimento de um olhar crítico sobre os fatos e sobre o próprio papel do jornalismo como um todo.

3.8 O uso de IA na edição

A partir das entrevistas é possível perceber que o uso de Inteligências Artificiais (IA) ainda é muito restrito e pontual nos veículos. Dos 9 (nove) editores entrevistados, apenas 3 (três) relataram usar IA para algum tipo de edição.

Os editores dos veículos O Corre Diário, Marco Zero, Agência Manguê de Jornalismo, O Pedreirense, Portal Acta e Paraíba Feminina informaram que não usam IA ou não aderiram a essa tecnologia em nenhuma etapa do processo jornalístico, seja na apuração ou na edição das matérias. A principal justificativa para essa decisão é a preocupação com a autenticidade e a credibilidade do jornalismo, que, segundo os editores, pode ser comprometida pelo uso de ferramentas automatizadas. Existe um receio claro de que a IA produza textos genéricos, padronizados e sem originalidade, o que fere diretamente os princípios do jornalismo independente, cuja base é a narrativa humanizada, crítica e profundamente conectada com o contexto social, político e cultural de suas comunidades (Peruzzo, 2008; Reis, 2017).

Outro argumento recorrente entre os editores é a preservação da autoria humana. Essa preocupação é reforçada por experiências negativas, como o relato de Editor 4, do Portal Acta, que testou a IA em um momento específico e se deparou com erros em dados biográficos, o que aumentou a desconfiança sobre a precisão dessas ferramentas.

Além disso, o conteúdo produzido pelos veículos independentes é focado em temas sociais, culturais e políticos que exigem escuta ativa das fontes, entrevistas e apuração direta. Por isso, os editores relatam que preferem buscar informações diretamente com artistas, movimentos sociais, lideranças locais e fontes oficiais, garantindo assim a originalidade nas matérias publicadas.

Já os editores dos veículos ECO Nordeste, Portal Sotero Preta e Agência Saiba Mais relatam que fazem uso de ferramentas de IA, mas de forma limitada e estritamente técnica. Nesses casos, a IA é aplicada apenas em tarefas operacionais de apoio, sem interferir diretamente na produção, apuração ou edição de conteúdo jornalístico. Entre os usos mais comuns estão:

- Geração de descrições de imagens: principalmente para garantir acessibilidade para pessoas cegas ou com baixa visão, facilitando a navegação em sites e redes sociais;
- Criação de chamadas para redes sociais: alguns veículos testam o uso da IA para gerar chamadas rápidas ou sugestões de posts, porém, todo conteúdo passa por uma revisão antes da publicação;
- Correção gramatical: são utilizadas para ajustes ortográficos e gramaticais, sem interferir no conteúdo original;
- Otimização de SEO: em alguns casos, a IA é usada para sugerir palavras-chave ou pequenas adaptações que ajudem no melhor ranqueamento das matérias nos buscadores;
- Transcrição de entrevistas: para entrevistas mais longas, ferramentas de transcrição automática são utilizadas para agilizar o processo de produção, mas é feita uma revisão do conteúdo.

Alguns também relataram usos pontuais de IA, como o ChatGPT, para ajustar textos curtos ou produzir pequenos resumos, mas os editores reforçam que evitam ao máximo utilizar essas ferramentas na produção do conteúdo principal das reportagens. Sendo assim, o jornalismo independente ainda resiste à IA por valores éticos e identitários, mas, aos poucos, adota ferramentas para otimização técnica. A autoria humana segue sendo vista como insubstituível na apuração e na narrativa, enquanto a IA é tolerada apenas como suporte operacional.

3.9 Estratégias adotadas para lidar com as demandas

Durante as entrevistas com os participantes deste estudo, ficou evidente o acúmulo de funções que esses profissionais exercem dentro de cada veículo. Como já informado anteriormente, todos os entrevistados afirmaram exercer atividades que vão além da edição, tais como as de repórteres, produtores de conteúdo multimídia e até mesmo responsabilidades comerciais e administrativas. Essa situação é um fato já conhecido entre os estudiosos do jornalismo, sendo compreendida como parte de uma crise no setor (Christoffoleti, 2019).

Diante disso, esta seção busca fazer uma análise de como esses profissionais lidam com as demandas dos veículos mesmo diante desse cenário. O principal motivo para o acúmulo de funções, que por consequência gera muitas demandas, decorre da formação de equipes reduzidas, ocasionada pela falta de recursos para a contratação de mais profissionais.

Sendo assim, para lidar com essas demandas, os veículos adotam estratégias como o revezamento de funções, em que os próprios repórteres também assumem a edição dos materiais. Em apenas dois casos, que são a Agência Manguê de Jornalismo e a Marco Zero, os editores são os únicos responsáveis pelo trabalho de edição.

Outro ponto relevante é a contratação de profissionais *freelancers*. Veículos como o Portal Sotero Preta e o Paraíba Feminina algumas vezes optam por realizar contratações temporárias de profissionais da comunicação para ajudar com as demandas.

Uma outra forma de lidar com as demandas é a flexibilização da rotina. Em todos os nove veículos analisados, há uma adaptação dos horários de acordo com a disponibilidade da equipe.

Por fim, outra estratégia adotada por esses profissionais é a escolha por realizar menos publicações, porém com maior profundidade e relevância social. Ou seja, os veículos se distanciam do modelo conhecido como *hard news* e, em vez de focar na quantidade, concentram os esforços na qualidade dos materiais que serão publicados.

3.10 Produção e qualidade do Jornalismo Independente

Nesta seção, será analisado, a partir das entrevistas com os editores, como ocorre a produção e qual é a percepção de qualidade no jornalismo independente. Mas, afinal, como se determina o que é ou não um jornalismo de qualidade? Vehkoo (2010, p. 04, tradução nossa) afirma que “à primeira vista, a qualidade do jornalismo parece ser algo muito subjetivo, dependendo dos próprios interesses, conhecimentos e preferências, até na política”. Ou seja, não existem critérios universais que determinem ou regulem o que se compreende como jornalismo de qualidade.

Ademais, o juízo sobre a qualidade está relacionado aos contextos socioeconômicos e educacionais. Isso quer dizer que o conceito de jornalismo de qualidade varia conforme a região, a localidade e até mesmo ao longo do tempo (Reis, 2021).

No entanto, apesar das dificuldades em se definir com exatidão o que é considerado jornalismo de qualidade, há um consenso sobre a importância de tentar distinguir o que pode ou não ser considerado como tal, dado o impacto das informações divulgadas por um veículo na sociedade, especialmente os efeitos negativos decorrentes da divulgação de informações incorretas ou incompletas (Reis, 2021). Ou seja, a qualificação de um veículo se dá pela forma como ele impacta a sociedade por meio da divulgação de seus materiais.

Ainda que existam problemas de definição sobre o que é ou não considerado jornalismo de qualidade, os jornais assim reconhecidos são considerados elementos fundamentais de influência sobre os aspectos sociais, políticos e culturais nas democracias (Vehkoo, 2010). Dentro dessa conceituação, as mídias independentes se enquadram, com base nas contribuições teóricas de estudiosos ao longo dos anos, como Peruzzo (2008), Reis (2017) e Patrício (2018).

Com base nas entrevistas, os editores revelaram priorizar a qualidade da informação, com foco na precisão, ética e responsabilidade social. De acordo com os relatos, há uma preocupação com:

- a) **Rigor na apuração:** há um esforço contínuo em ouvir as fontes diretamente, buscar diferentes versões dos fatos e oferecer ao público informações confiáveis;

- b) **Revisão cuidadosa:** todos os textos passam por uma etapa de revisão, com foco na clareza, correção gramatical, checagem de dados e adequação ao público-alvo;
- c) **Evitar sensacionalismo:** há um posicionamento firme contra práticas sensacionalistas ou títulos enganosos. Os editores preferem trabalhar com conteúdos que reflitam a realidade de forma honesta, mesmo que isso signifique menor alcance em termos de cliques.

A etapa de edição é vista não apenas como uma correção técnica, mas como um momento de garantia da qualidade ética, estética e informativa. O editor exerce o papel de orientador e curador, contribuindo para a construção de textos que sejam ao mesmo tempo jornalísticos, acessíveis e socialmente relevantes.

Existe também uma preocupação com o uso correto da linguagem, principalmente quando o conteúdo envolve populações historicamente marginalizadas. A escolha de fotos, títulos e abordagens é feita com cuidado, a fim de evitar estigmatizações ou o reforço de estereótipos.

A produção e a qualidade do jornalismo independente são marcadas por rigor técnico e responsabilidade social, mesmo diante de restrições estruturais e orçamentárias. Esses veículos demonstram que é possível fazer um jornalismo ético, crítico e relevante, desde que haja compromisso com a apuração, respeito às fontes e cuidado editorial em todas as etapas da produção. Esse tipo de jornalismo cumpre um papel essencial na democratização da informação, ampliando debates e contando histórias que não têm espaço na grande mídia. Apesar das dificuldades, sua qualidade editorial e compromisso com o interesse público demonstram que é possível fazer um jornalismo relevante e de qualidade, como define Vehkoo (2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo independente é uma forma de contraponto ao jornalismo tradicional, que é frequentemente vinculado a interesses corporativos e políticos. Sendo assim, o jornalismo independente se destaca por sua capacidade de abordar temas negligenciados pela mídia tradicional, contribuindo para o ampliamto do debate público (Pontes, 2009). Em síntese, o jornalismo independente é caracterizado pelo contato da atividade jornalística com comunidades, grupos marginalizados e pela oposição aos grandes conglomerados de veículos midiáticos.

A mídia independente é uma modalidade que representa uma ruptura com a lógica tradicional da comunicação de massa, fortemente hierarquizada e pautada por interesses corporativos (Muniz, 2006). Mas, ainda assim, a autonomia dentro dos veículos de comunicação independentes é tensionada pela necessidade de sustentabilidade financeira. Assim como destaca Gomes (2017), existe uma linha tênue entre a independência editorial do veículo e a dependência financeira, que impõe vários desafios aos veículos e aos seus profissionais.

Diante disso, no Nordeste brasileiro, há mais de 100 veículos jornalísticos autodeclarados independentes, e essas iniciativas apresentam rotinas de trabalho diferenciadas em relação aos meios tradicionais, tanto em termos estruturais quanto editoriais.

Em síntese, este estudo preocupou-se em compreender a atuação dos editores no jornalismo independente da região Nordeste, destacando suas condições de trabalho, os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para lidar com as transformações do mercado jornalístico. Além disso, este estudo também teve como foco dar visibilidade a essa função, muitas vezes esquecida e pouco compreendida. O jornalista-repórter, frequentemente colocado como o protagonista do jornalismo, acaba por ofuscar a importância do editor. Ademais, foram destacados conceitos sobre o jornalismo independente, o panorama das mídias tradicionais e a importância regional que essas mídias desempenham.

Assim, esta monografia foi definida metodologicamente como uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório, na qual se buscou identificar elementos relevantes para o estudo, com o intuito de alcançar os objetivos propostos (Figaro, 2018). Além disso, para compor esta monografia, foi realizado um levantamento bibliográfico e documental, por meio da busca de livros, artigos e pesquisas sobre a

temática, a fim de oferecer embasamento teórico ao estudo. Ademais, foram realizadas buscas por veículos independentes atuantes na Região Nordeste, com o objetivo de localizar e entrar em contato com os editores desses portais de notícias, com os quais foram feitas entrevistas para entender e compreender o trabalho desses profissionais.

Com isso, recordando as perguntas que motivaram e nortearam este estudo, pode-se concluir, com relação ao trabalho desses editores:

Quem são esses jornalistas e quais são suas condições de trabalho como editores em veículos independentes? A pesquisa revelou que esses profissionais são, em sua maioria, jornalistas formados, com trajetórias marcadas por passagens em veículos tradicionais antes de migrarem para o jornalismo independente. Sua formação acadêmica e experiência prática são fundamentais para o exercício da função, que exige não apenas habilidades técnicas, mas também um compromisso ético e social.

As condições de trabalho desses editores são caracterizadas pela precariedade e pelo acúmulo de funções. Em veículos independentes, a falta de recursos financeiros e estruturais faz com que os editores assumam múltiplas tarefas, desde a edição de textos até a gestão administrativa e comercial. A rotina é intensa, com carga horária extensa e, muitas vezes, a necessidade de conciliar o trabalho no veículo com outras atividades profissionais para garantir sua subsistência. Apesar dessas dificuldades, esses profissionais demonstram resiliência e criatividade, buscando alternativas como financiamento coletivo, parcerias com movimentos sociais e participação em editais públicos para manter os veículos em funcionamento.

Quais são as particularidades e os desafios relacionados a essa função? Os desafios relacionados à função de editor em veículos independentes são diversos. A sustentabilidade financeira é o principal obstáculo, seguido pela sobrecarga de trabalho e pela necessidade de equilibrar a autonomia editorial com as demandas do público e das fontes de financiamento. Além disso, a falta de equipe exige que os editores atuem em todas as etapas da produção jornalística, desde a definição de pautas até a publicação final. Apesar disso, a liberdade editorial e a capacidade de abordar temas negligenciados pela grande mídia são apontadas como vantagens significativas do jornalismo independente, o que contribui para a democratização da informação.

Como esses profissionais lidam com as transformações do mercado e da profissão nos âmbitos econômico, ético e identitário? Os editores dos veículos entrevistados lidam com as mudanças e transformações do mercado e da profissão de forma multifacetada e adaptativa. Em relação ao âmbito econômico, os editores relatam a insegurança financeira como a principal dificuldade enfrentada. Muitos veículos operam com baixo ou nenhum financiamento estável, e parte dos editores precisa tirar recursos do próprio bolso ou conciliar o trabalho com outras atividades para garantir a sobrevivência do projeto. As estratégias mais comuns para driblar essa instabilidade incluem: financiamento coletivo, editais públicos e bolsas de incentivo, parcerias com organizações sociais e apoio direto dos leitores. Essa realidade obriga os editores a assumirem múltiplas funções (editor, repórter, gestor), devido à falta de equipes amplas e de infraestrutura.

Já em relação ao âmbito ético, mesmo com poucos recursos, os editores demonstram um forte compromisso ético com a informação de interesse público. Buscam dar visibilidade a pautas ignoradas pela grande mídia, priorizando temas sociais, direitos humanos e comunidades marginalizadas, exercendo a função social do jornalista, no ato de informar e mostrar, por meio das ferramentas de comunicação, a realidade de quilombolas, indígenas, ribeirinhos, pessoas negras, da comunidade LGBTQIAPN+, dentre outros grupos, sem estereotipá-los e, principalmente, promover uma comunicação livre e popular, sem a pressa do *hard news*, que é uma das principais características das mídias tradicionais.

Por fim, no âmbito identitário, os editores assumem um papel fundamental dentro das comunidades onde atuam. A autonomia editorial proporcionada por esses veículos permite que esses profissionais construam uma narrativa local mais autêntica, livre da mediação de interesses corporativos. Com isso, fortalecem vínculos culturais e sociais com seus públicos, promovendo uma comunicação enraizada nas realidades regionais. Além disso, contribuem para a formação de sujeitos políticos conscientes, atuando como mediadores de vozes frequentemente silenciadas pela grande mídia. Em um cenário muitas vezes adverso, posicionam-se como defensores da pluralidade e da democratização da informação, reafirmando o compromisso do jornalismo com a inclusão, a representatividade e a transformação social.

Com isso, podemos afirmar que os objetivos deste estudo foram alcançados e as indagações que o motivaram foram respondidas. Verificamos e identificamos

quem são esses editores e como é a condição de trabalho desses profissionais nas mídias independentes do Nordeste, além de como esses editores lidam com as mudanças do mercado.

Sendo assim, esta é uma pesquisa importante para a região e para o campo jornalístico, principalmente tendo em vista a falta de estudos sobre o tema. Compreender como esses profissionais atuam, quais são seus desafios e de que forma contribuem para o ecossistema informativo torna-se essencial, principalmente por ser um cargo que é ofuscado pelo jornalista-repórter.

Este estudo contribui de maneira significativa ao dar visibilidade à figura do editor e ao analisar como esses profissionais adaptam suas rotinas e funções diante das limitações estruturais e financeiras dos veículos independentes. Além disso, a pesquisa traz um olhar regionalizado sobre a mídia do Nordeste brasileiro, contribuindo para a descentralização do conhecimento acadêmico. Ademais, este estudo amplia o entendimento sobre a diversidade e riqueza do jornalismo independente na região, mostrando como ele atua na democratização da informação, no fortalecimento da cidadania e na construção de narrativas locais.

Cabe destacar que este estudo está suscetível a melhorias e novos olhares de estudiosos da área. Com isso, o estudo também pode contribuir para novas pesquisas, como um estudo comparativo entre as regiões do país, uma análise de diversidade étnico-racial e de gênero, assim como o uso de tecnologias de Inteligência Artificial na edição e os modelos de sustentabilidade econômica dessas mídias. Ou seja, é possível o surgimento de várias técnicas de pesquisa e estudos sobre as proficiências de edição, para aumentar ainda mais o campo de pesquisa sobre esta temática.

Portanto, para finalizar, este estudo evidenciou que os editores do jornalismo independente no Nordeste são profissionais multifacetados, que enfrentam desafios estruturais e financeiros, mas que, mesmo assim, conseguem produzir um jornalismo de qualidade, ético e comprometido com o interesse público. Sua atuação é essencial para a diversidade informativa e para a democratização da comunicação, mostrando que, apesar das adversidades, o jornalismo independente cumpre um papel indispensável na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Luíz. **Jornalismo independente e novas práticas profissionais**. São Paulo: Summus, 2019.

AMARAL, Márcia. **Sustentabilidade e jornalismo alternativo: desafios para a autonomia editorial**. Revista Comunicação & Sociedade, v. 43, p. 210-228, 2021.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900–2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CARLSON, Matt; LEWIS, Seth. **Boundaries of journalism: professionalism, practices and participation**. London: Routledge, 2015.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Edição em jornalismo impresso**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1998.

CORREIA, Mariama. **Desertos de notícias e as novas fronteiras do jornalismo no Nordeste**. Boletim de Políticas Públicas/OIPP, n. 35, jun. 2023. Disponível em: <https://www.atlas.jor.br/v6/desertos-de-noticias-e-as-novas-fronteiras-do-jornalismo-no-nordeste/>. Acesso em: 20 de abr. 2025.

COSTA, Luciana. **Metodologias qualitativas em pesquisa científica**. Salvador: Edufba, 2020.

DUARTE, Jorge. **Entrevista em profundidade**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-75.

ESSENFELDER, Renato. (2012) **O editor e seus labirintos**. Tese de doutorado. USP-SP: São Paulo.

FERRO, Gabriela. **Mapa da Cajueira: mapeamento colaborativo do jornalismo independente no Nordeste**. Salvador: UFBa, 2020.

FÍGARO, Roseli; FILHO, José Marques de Melo; NONATO, Clarissa. **Trabalho e comunicação: olhares multidisciplinares**. São Paulo: ECA/USP, 2018.

FÍGARO, Roseli. **Trabalho e comunicação: desafios para jornalistas no século XXI**. São Paulo: Paulus, 2013.

FILHO, José Carlos. **Mídia independente e identidade cultural no Nordeste**. Revista Observatório, v. 3, n. 2, p. 115-132, 2009.

GADINI, Sérgio; SCHOENHERR, João. **Jornalismo alternativo: identidades culturais e comunicação comunitária**. Curitiba: Appris, 2016.

GASQUE, Karla Cristina. **Pesquisa qualitativa: conceitos e definições**. In: MORAES, Rubens de Andrade; GASQUE, Karla Cristina (org.). **Pesquisa qualitativa em biblioteconomia e ciência da informação**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 11-28.

GOMES, Wilson. **Comunicação e democracia: problemas e perspectivas**. In: BARBOSA, Marialva; MATA, Maria (org.). **Comunicação e democracia: tensões e desafios**. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 35-57.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses públicos: comunicação e democracia no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2017.

GOSH, Júlia. **Mídia independente no Brasil: entre a resistência e a profissionalização**. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos, v. 23, n. 1, p. 66–74, 2021.

GRAIEB, Carlos. **O papel do editor na redação contemporânea**. Revista Imprensa, São Paulo, n. 45, p. 32-35, 2012.

KUNCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Scritta, 1991.

MAPA DA CAJUEIRA. **Plataforma colaborativa de mapeamento da mídia independente no Nordeste**. 2020. Disponível em: <<https://mapadacajueira.org>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

MARIAMA, Correia. **Desertos de notícias e iniciativas jornalísticas no Nordeste: avanços e desafios**. Revista Pauta Geral, v. 7, n. 1, p. 45-60, 2023.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda – teorias e técnicas do texto jornalístico**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2012.

MENDES, S. L. da S. **A imprensa alternativa durante a ditadura militar no Brasil (1964-1984): um olhar historiográfico**. Contraponto – Revista Eletrônica de História, Teresina, v. 1, n. 1, p. 1-18, jun. 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/3714>>. Acesso em: 03 de dez. 2020.

MUNIZ JÚNIOR, José Marques de Melo. **Comunicação alternativa: história crítica da imprensa alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2016.

MUNIZ JÚNIOR, José Carlos. **Comunicação, território e poder: mídia alternativa e processos de resistência no Nordeste**. Recife: Editora UFPE, 2016.

PATRÍCIO, Edival; BATISTA, Lílian. **Jornalismo independente: desafios e possibilidades**. Revista Famecos, v. 24, n. 1, p. 1–15, 2017.

PATRÍCIO, Mariane; BATISTA, Ana. **Jornalismo independente no Brasil: conceituação, desafios e perspectivas**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. Anais [...]. São Paulo: Intercom, 2017.

PEREIRA JUNIOR., Luiz Costa. **Guia para edição jornalística**. São Paulo: Vozes, 2006.

PERUZZO, Celso Augusto. **Comunicação popular e alternativa no Brasil: a década de 2000**. Revista E-Compós, v. 8, n. 3, p. 63-92, 2005.

PERUZZO, Celso Augusto. **Mídia comunitária e alternativa no Brasil: contextos e desafios**. In: LOPES, Maria Immacolata; MARTINS, Francisco Menezes (org.). **Comunicação e Cultura nas Periferias**. São Paulo: Paulus, 2013.

PISMEL, M. L. **Imprensa alternativa e neopentecostalismo: estratégias para um momento de crise política**. In: NAVARRO, L. P. da S. (Org.). **Bibliografia história da mídia e da imprensa**. Ponta Grossa: Atena Editora, 2019. p. 192-201. Disponível em:

<<https://www.atenaeditora.com.br/arquivos/ebooks/bibliografia-historia-da-midia-e-da-imprensa>>. Acesso em: 03 de dez. 2020.

PONTES, Flávia. **Mídia independente no Brasil: um estudo sobre autonomia editorial**. Revista Comunicação & Política, v. 16, n. 1, p. 88-105, 2009.

PORTELA, Camila. **Nordeste em pauta: a importância da mídia independente regional**. Revista Comunicação em Foco, v. 5, n. 2, p. 89-101, 2022.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

RAMOS, Suzy dos Santos; SPINELLI, Maria Helena Weber. **Comunicação popular e alternativas de mídia**. São Paulo: Intercom, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REIS, Carolina Cerqueira Silva. **Jornalismo no terreno: fator diferenciador na qualidade do jornalismo do Primeiro Jornal da SIC?**. Escola Superior de Comunicação Social. Instituto Politécnico de Lisboa. Porto, 2021.

REIS, Fernanda. **Do alternativo ao independente: o novo ecossistema de mídia digital no Brasil**. Revista Intexto, v. 38, p. 65–83, 2017.

REIS, Nelson. **Jornalismo em mutação: novos formatos e práticas na era digital**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017.

SAKAMOTO, Leonardo. **O jornalismo como ferramenta de direitos humanos**. In: MIN, Giselle; SAKAMOTO, Leonardo (org.). **Jornalismo e direitos humanos: olhares críticos**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2010.

SILVA, Larissa. **Mídia independente e interseccionalidade: desafios para um jornalismo plural**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 43, n. 2, p. 130-145, 2020.

SILVA, Tainá de Paula. **O avesso da independência: precarização e desigualdade em mídias alternativas**. Revista GEMInIS, v. 11, n. 2, p. 94–111, 2020.

SINGER, Suzana. **O novo perfil dos editores nas redações brasileiras**. Revista de Jornalismo da ECA-USP, São Paulo, v. 9, p. 101-115, 2010.

SINGER, Suzana. **O jornalista multifunção e os dilemas da profissão.** In: FIDALGO, André (org.). **Jornalismo contemporâneo.** São Paulo: Paulus, 2009. p. 83-92.

SODRÉ, Muniz. **A construção do jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de narciso: televisão, indivíduo e narcisismo.** São Paulo: Cortez, 2006.

SOUZA, Bruno. **O papel do editor na curadoria da informação no jornalismo digital.** Revista Interin, v. 25, n. 2, p. 15-33, 2019.

TRÄSEL, Marcelo. **Jornalismo alternativo e a ética da prática: desafios e riscos.** Revista Compolítica, v. 9, n. 1, p. 22-36, 2019.

TRÄSEL, Marcelo. **Mídia alternativa ou alternativa à mídia? Limites e contradições da imprensa independente digital.** In: MORAES, Denis de (org.). **Comunicação e hegemonia cultural no século XXI.** São Paulo: Paulus, 2019. p. 21-35.

APÊNDICE A – ENTREVISTA JOSÉ CHRISTIAN

Transcrição parcial da entrevista com o **editor José Christian da Agência Manguê de Jornalismo**, realizada de forma remota em **19 de março de 2024**, com duração total de **41 minutos e 52 segundos**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

I. Quais são suas principais atividades como editor?

[...] Nossa rotina diária envolve mapear temas locais e acompanhar as movimentações sociais para decidir, junto ao grupo gestor e com a avaliação final do editor, como abordar os assuntos. Nosso jornalismo é pautado pela apuração cuidadosa e crítica, sem pressa para publicar, priorizando textos mais longos e coletivos, em vez de coberturas imediatas e superficiais. [...]

II. Nessa sua função de editor, você consegue apontar diferenças de como ser editor de um veículo independente e a diferença de um editor de um veículo tradicional?

[...] O editor tradicional costuma contar com mais estrutura, como editores assistentes, e atua principalmente como o último filtro antes da publicação, sem se envolver tanto no processo desde o início. Além disso, ele enfrenta amarras políticas e econômicas da organização midiática, que busca audiência, vendas e atende interesses específicos. Já no jornalismo independente, o editor é uma figura solitária, responsável por todo o processo editorial, desde a concepção da reportagem até a orientação e estímulo ao repórter, mesmo com pouca estrutura. [...]

III. Como funciona a edição das matérias nos veículos independentes, os repórteres têm uma liberdade maior de escrever o que eles querem?

[...] Nós temos uma reunião de pauta semanal obrigatória e um compromisso de publicar diariamente, com uma equipe de 8 (oito) pessoas e algumas colaborações, conseguimos lançar até 4 (quatro) reportagens por dia, de segunda à sábado. Cada repórter trabalha com 2 (duas) ou 3 (três) pautas simultâneas, sem pressa, mas com prazo de menos de 1 (uma) semana para entregar um material bem apurado e de qualidade. [...]

IV. Você que escreve os títulos ou o repórter trás pronto e você analisa aquele título e propõe um novo e reescreve, como funciona isso?

[...] Nossos títulos seguem uma lógica diferente do jornalismo tradicional. Baseados em uma pesquisa de um jornal universitário dos EUA, adotamos títulos digitais com duas frases separadas por um ponto, que “respiram” melhor, geralmente entre 140 e 150 caracteres. [...] Nosso objetivo é que o título informe minimamente o tema da reportagem e seja crítico e investigativo o suficiente para despertar interesse, levando o leitor a continuar na matéria. [...]

V. Quando uma matéria não tem engajamento, vocês acabam mudando o título para deixar a matéria mais atrativa?

[...] Depois de publicado os títulos nós não alteramos, o que a gente altera é a partir de avaliações nossas ou de pedidos externos, a gente é uma política muito clara de correção e de atualização dos textos, mas dos títulos, não, [...]

VI. Vocês usam alguma inteligência artificial para editar o conteúdo ou como uma ferramenta de ajuda?

[...] Não usamos, fizemos um pacto na Mangue jornalismo de não usar inteligência artificial, nem na definição temática, nem na produção, na investigação, nas apurações e muito menos na narrativa. [...] Mas, isso não significa dizer que a gente seja contra isso, a gente ainda não tem na Mangue maturidade ética política para utilizar a inteligência artificial, a gente acha que ela tem potencial muito interessante, tem umas facilidades muito interessantes, mas a gente não tem

consenso, algumas pessoas na Mangue acham que a gente deve começar a usar [...]

VII. Como as pautas são definidas e como é feito o filtro para que essas pautas sejam feitas e aquelas que não serão feitas?

[...] Nas reuniões de pauta da Mangue, não há um responsável exclusivo para impor pautas; todos os jornalistas são incentivados a apresentar temas e, juntos, estabelecem uma hierarquia de prioridades conforme a urgência e o impacto social. Por exemplo, uma barragem prestes a estourar, que ameaça milhares de pessoas, terá prioridade sobre pautas menos urgentes, como a candidatura de uma Drag Queen. Esse processo é resultado de uma escuta social ativa [...]

VIII. Depois que o repórter faz a pauta e ela o texto, como você como editor pega esse material e edita ele?

[...] Normalmente, os jornalistas já entregam o texto finalizado, sem enviar partes ou rascunhos durante a apuração; por exemplo, ao cobrir uma marcha pela manhã, a reportagem completa chega ao final do dia. Quando o texto apresenta problemas narrativos, como falta de sequência lógica ou dificuldade em contar a história com começo, meio e fim, eu, como editor, faço ajustes para garantir que a leitura seja clara e envolvente, mesmo para quem lê no celular. [...] Jornalistas mais jovens e estudantes precisam de mais orientação, e eu reviso bastante os textos, propondo mudanças de palavras, expressões e correções de regras gramaticais e de estilo, [...] buscando um texto mais coerente e acessível.

IX. Como você se tornou editor?

[...] eu me formei em jornalismo em 1994, entrei em 90 na faculdade e desde lá já comecei a trabalhar em jornal, antes mesmo de terminar a faculdade eu já estava trabalhando em jornal, me formei e acabei sendo contratado, passei 10 anos nesse jornal e algumas vezes eu assumia a editoria, [...] fui assessor de comunicação no sindicato dos professores, e lá eu editava um jornal, [...] depois eu fui ser secretário na comunicação da prefeitura de Aracaju, [...] fui pro ministério

público assumir a assessoria de comunicação que também, depois passei em um concurso público para jornalista do INSS e lá eu fui chefe na região nordeste [...]

APÊNDICE B – ENTREVISTA ADELAIDE MARIA

Transcrição parcial da entrevista com a **editora Adelaide Maria do Portal Acta**, realizada de forma remota em **20 de março de 2024**, com duração total de **48 minutos e 1 segundo**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

I. Quais são as suas principais atividades como editora?

[...] Desde o início do site, a equipe é composta por cerca de 10 profissionais, entre cinegrafistas, produtores, repórteres, editores e apresentadores, todos acumulando funções. [...] Por sermos uma equipe pequena e autogerida, cada um assume múltiplas responsabilidades, inclusive na edição e produção do conteúdo para o jornal no YouTube e no cuidado com o site. [...] Como não temos funções fixas e especializadas, todos precisam colaborar em várias áreas para manter o funcionamento do veículo. [...]

II. Nessa função de editora, você consegue apontar as diferenças entre trabalhar em um veículo tradicional e trabalhar em um veículo independente?

[...] A diferença entre um veículo independente como o nosso e os veículos tradicionais é que estes, com receitas maiores e mais históricos, acabam moldados por interesses comerciais. [...] Enquanto nós temos liberdade para explorar assuntos que eles evitam por questões burocráticas ou comerciais. [...] Nosso compromisso é com um jornalismo responsável, que ouve as partes envolvidas e não se cala diante dos problemas, mesmo com a pressão comercial. [...]

III. Como funciona a edição de matérias em veículos independentes? Os repórteres têm mais liberdade para escreverem sobre diferentes assuntos?

Temos liberdade para decidir pautas e, quando surge algo urgente, avaliamos se é possível cobrir na hora ou esperar. [...] Esse caso mostrou a importância do editor também ser repórter, pois a edição em tempo real e a autonomia para pautar e escrever garantem um trabalho ágil e relevante [...]

IV. Quando um repórter faz alguma matéria, você muda o título dele ou você mesmo que cria o título, ele só escreve o texto? Como é que funciona?

Apesar de ser editora, reconheço que sou péssima para criar títulos. [...] Consultei um especialista para ter certeza do que poderia afirmar. [...] Com a orientação dele, consegui formular um título que chamasse atenção, mas que fosse responsável e não comprometesse nossa credibilidade. [...]

V. Quando é um título sem engajamento, que não chama a atenção, vocês costumam estar editando e mudando ele? Mesmo depois de publicado?

O editor responsável pelas redes sociais monitora tudo [...] A gente pensa muito no título antes de publicar. [...] É aí que entra a expertise do editor, que coloca um título chamativo e que ainda mantém a essência do conteúdo [...] Ele muda e avisa o repórter, nunca muda sem o OK dele. [...] Esse jogo de palavras a gente geralmente combina. [...] Às vezes a matéria tem um dado muito mais forte do que tudo o resto, e a gente acaba passando batido por isso [...]

VI. Vocês usam alguma ferramenta de IA para ajudar nas edições?

Aqui ninguém tem um curso formal ou conhecimento sólido sobre o assunto. [...] Pedi para ela pesquisar sobre meu pai. [...] O resultado foi cheio de erros. [...] Decidimos só usar inteligência artificial quando todos tiverem formação profissional e conhecimento sério. [...] Por enquanto, preferimos não usar essas ferramentas [...]

VII. Sobre a questão de pautas, como é que elas são definidas?

O repórter sai com esse material factual, mas nada impede que a gente paute ele para algo muito importante que só possa ser feito de manhã. [...] Ele correu para cobrir, e antes de entrar ao vivo nas redes sociais, ele já tinha escrito para o site. [...] Ele deu o começo da história e tem autonomia para isso. [...] Temos prazos para atualizar a manchete: pelo menos às 8h da manhã. [...] Giramos manchetes às 8h, 13h, 16h e 20h. [...]

VIII. Como é feita a edição do conteúdo?

Foco em editar priorizando o que vai realmente prender a atenção do leitor [...] Tento encurtar sem perder o conteúdo essencial nem desrespeitar o trabalho do repórter. [...] Reorganizo a hierarquia das informações para deixar claro o essencial. [...] Uso tabelas, gráficos ou artes para ilustrar e tornar o texto mais acessível. [...] Transformo dados em mapas ou ilustrações para reduzir o texto e deixar a leitura mais atraente. [...]

IX. Como foi que você se tornou editora?

Comecei como estagiária nessa vaga de apuradora. [...] Para aprender de verdade, eu me envolvia com tudo. [...] Aprendi a editar jornal, tanto vídeo quanto texto. [...] Fui da primeira leva de repórteres [...] Editava as matérias dos colegas, comparando meu texto com o deles [...] Acumulei funções de editora e produtora [...] Aprendi a casar áudio com texto e melhorar bastante minha edição [...] Para a internet o texto precisa ser enxuto [...] Precisa editar para adequar, pois é importante que o texto situe o leitor, com informações claras e completas [...] Em 2019, após uma greve e demissões no grupo, decidi sair e, junto com alguns colegas, criamos o nosso portal independente [...] Cada um teve que aprender a editar, colocar o jornal no ar, criar o site, fazer fotos com o celular, produzir debates no YouTube [...] A edição para mim surgiu da curiosidade em entender como um texto grande era editado sem perder a essência [...] Também da necessidade de conciliar produção e edição no nosso pequeno time. [...]

APÊNDICE C – ENTREVISTA LUAN MATHEUS

Transcrição parcial da entrevista com o editor, Luan Matheus, O Corre Diário, realizada de forma remota em **21 de março de 2024**, com duração total de **38 minutos e 39 segundos**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

I. Quais são as suas principais atividades quando você vai editar?

A gente tem uma organização mais horizontal do ponto de vista das funções jornalísticas [...] Não há uma divisão rígida ou hierárquica, e sim uma lógica coletiva e flexível [...] Atualmente, exerço uma função administrativa, que chamamos de coordenação geral [...] Divido essa coordenação com outra colega [...] Além disso, atuo como repórter, editor, fotógrafo quando necessário, e até como social media, dependendo da demanda [...] Tenho concentrado mais na função de editor: recebo os textos feitos pelos colegas, faço sugestões, ajustes e finalizo para publicação [...] A ideia é que todas as pessoas que integram o coletivo possam, em algum momento, assumir essas funções e tenham autonomia para isso [...]

II. Você consegue apontar diferenças entre trabalhar em um veículo tradicional e um independente?

As dinâmicas do jornalismo independente diferem dos veículos comerciais principalmente pela liberdade na escolha e execução das pautas [...] No independente temos autonomia para tratar dos temas que consideramos importantes, alinhados a princípios editoriais claros e um posicionamento político assumido [...] Defendemos causas como direitos humanos, população LGBT, negra, periférica, indígena e quilombola [...] Trabalhamos com poucos recursos, usando nossos próprios equipamentos e sem garantia de salário fixo [...] Nosso combustível

é a vontade de fazer um jornalismo ético e socialmente engajado [...] Para nós, o jornalismo independente é mais que emprego é realização [...]

III. Como funciona a edição desses materiais?

Tudo o que fazemos acontece dentro dessa lógica de colaboração [...] As pautas são coletivas, usamos planilhas abertas [...] Temos uma dinâmica de, no mínimo, três pessoas revisarem o texto antes de ele ser aprovado para publicação [...] Depois disso, alguém assume a edição final e a publicação [...] O processo de produção varia conforme quem está escrevendo [...] Quando o conteúdo é mais factual, já produzimos um texto curto, jogamos no grupo, todos dão o aval e publicamos [...] Nosso foco é produzir conteúdos mais reflexivos, aprofundados e analíticos [...] O hard news não é o nosso foco [...]

IV. Como vocês monitoram os títulos?

A gente acaba querendo fazer títulos grandes demais [...] Queremos que esse título seja sempre coerente, que cobre o que as notícias têm a dizer [...] Tentamos deixar nos títulos em duas linhas, pensando no compartilhamento desse conteúdo no WhatsApp [...] Quem pensa o primeiro título é o repórter que faz a matéria [...] Depois quem dá lida, apresenta sugestões [...] Tem momentos que a gente coloca em votação dentro do grupo para ver qual título vamos escolher [...] Isso para nós é importante porque percebemos que impactou mais quando começou a fazer esses títulos [...]

V. Quando a matéria não dá muito engajamento, vocês costumam mudar esse título?

Não mudamos o título em si [...] Já fizemos outras abordagens de divulgação, tentando outras formas possíveis para tentar divulgar [...] Às vezes mudamos o conteúdo ou a forma de divulgação [...] Às vezes uma legenda a gente altera [...] Compartilhamos pelo WhatsApp em grupos e também no Instagram e Facebook [...] O que a gente faz quando não tem engajamento é mudar um pouco a mensagem da

forma como escrevemos ela [...] Mas não temos costume de fazer isso nem com o título e nem com a matéria [...]

VI. Vocês usam alguma inteligência artificial para ajudar na edição?

Não usamos [...] Isso é uma coisa que ainda não paramos para conversar [...] Temos até críticas da forma como a inteligência artificial vem sendo usada por alguns veículos [...] Já trabalhamos com jornalismo de dados para buscar algumas informações e raspagem [...] No O Corre não tem ninguém que trabalhe diretamente com jornalismo de dados [...] Temos parceiros e colaboradores externos [...] Tudo que a gente faz é feito por nós, não tem nenhuma inteligência artificial por trás [...]

VII. Quando e como as pautas são definidas, como é feito o filtro para as pautas que vão ou não ser feitas?

A gente tem uma linha editorial e de princípios bem definidos [...] As pessoas que acompanham são alinhadas com isso [...] Existe esse banco de pautas compartilhado [...] As pessoas sugerem e vão construindo as pautas [...] Não existe esse sistema de que a gente vai aprovar ou não essa pauta, apenas quando é um assunto muito delicado [...] Os colaboradores vão desenvolvendo e depois compartilham os textos para a gente ir editando [...] Em outros momentos a gente tinha essas reuniões de pautas para pensar nas pautas que iríamos tocar ao longo do mês [...]

VIII. Como você edita o material que chega para você?

Eu busco sempre olhar pro texto a partir daquilo que mais me sensibiliza [...] Quando vou fazer essas alterações que movimentam muito o texto, eu ligo e aviso [...] Isso para mim é tentar o texto mais fluido e mais atrativo [...] Eu não penso naquela caixinha que muitas vezes aprendemos na universidade [...] Às vezes começamos textos com citações, poesias, com fotos ou com uma música [...] Isso vai variar muito do texto [...] Eu gosto que o texto aflore as emoções [...] Que o nosso texto tenha a capacidade de deportar as pessoas [...] Que nos faça de fato mergulhar nessas histórias [...]

IX. Como você se tornou editor?

Eu entrei no curso de jornalismo despretensiosamente [...] Foi o jornalismo que me escolheu, e não eu que escolhi [...] Me envolvi com centro acadêmico, com a executiva geral dos estudantes [...] Discutíamos muito sobre política, comunicação, direitos humanos [...] Desde lá, o meu círculo de amigos tinha esse intuito de pensar um veículo de comunicação alternativo [...] O Corre nasce de várias demandas [...] Me formei em 2014 e trabalhei por muitos anos em veículos tradicionais [...] Todos nós do O Corre passamos por essas grandes redações [...] Em 2018 a gente consegue lançar o site [...] De lá para cá a gente vem há 6 anos fortalecendo o trabalho [...] Eu chego até aqui costurado por várias pessoas, vários processos que me formaram enquanto jornalista preocupado com demandas sociais [...] Que entende que o jornalismo também é esse lugar de reivindicar esses direitos [...]

APÊNDICE D – ENTREVISTA JAMILE MENEZES

Transcrição parcial da entrevista com **a editora Jamile Menezes do Portal Sotero Preta**, realizada de forma remota em **25 de março de 2024**, com duração total de **26 minutos e 49 segundo**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

I. Quais são as suas principais atividades como editora?

]No meu dia a dia, recebo pautas por WhatsApp, Instagram e e-mail, e analiso se elas estão alinhadas à linha editorial do portal, que tem foco na cultura negra, feita por pessoas negras em Salvador e região metropolitana. Minha função é avaliar o conteúdo para que vire notícia, além de revisar ortografia, aspectos jornalísticos e entrar em contato com as fontes para esclarecer dúvidas. Também sou responsável pela escolha das fotos, buscando imagens positivas e expressivas da população preta. [...] Faço contatos com outros veículos e clientes para a área comercial.

II. Você consegue apontar as diferenças de um veículo tradicional ou um veículo independente?

Trabalhei como editora na Folha Dirigida da Bahia, onde havia estrutura com equipe de fotos, correção e repórteres. Era mais estruturado. Já no jornalismo independente tenho muito mais responsabilidade, respondo por várias áreas do portal. [...] A gente começou com equipe reduzida e vem dando conta. É um dos portais mais conhecidos aqui em Salvador nesta temática da cultura negra.

III. Como funciona a edição das matérias dos veículos independentes, os repórteres têm mais liberdade para escrever sobre diferentes assuntos?

Dou total liberdade para os repórteres serem criativos, trazerem uma versão mais positiva e aproveitarem recursos multimídia como sonoras e vídeos. [...] A gente tem mais liberdade para fazer do nosso jeito, da nossa cara e do nosso ritmo.

IV. Como você monitora os títulos, você dá dicas?

Peço para que os repórteres deem título, mas reviso todos. Tenho preocupação com SEO e ranking no Google. Dou dicas e, se o título não destaca o artista, faço correções. [...] Trazemos o nome do artista para frente como palavra-chave para melhorar o ranking.

V. Quando uma matéria não tem muito engajamento vocês costumam editar esse título?

Não. Já fazemos o título pensando nessa busca, no SEO, e também nas postagens do Instagram, que são imediatas. Por isso evitamos alterar depois.

VI. Vocês usam alguma IA como ferramenta na edição?

Só usei uma vez. Preferimos buscar informações diretamente com o artista ou assessor. [...] Nosso conteúdo é muito específico, então evitamos usar.

VII. Qual IA você usou?

Foi o Chat GPT.

VIII. Quando e como são definidas, como é feito o filtro para as pautas que vão ser aprovadas ou não?

Somos um portal focado no público negro em Salvador e região metropolitana. Recebemos pautas de outros estados, mas não publicamos. Publicamos apenas quando há informações completas sobre o artista e o evento. [...] Temos compromisso com conteúdo de qualidade e evitamos materiais de baixa qualidade.

IX. Como é feita a edição desses conteúdos?

Recebemos muitos textos com adjetivos e informações desnecessárias. Faço uma limpeza para manter apenas o que importa, sem opinião. [...] Reescrevo o texto mantendo a informação principal. Os repórteres já vêm com essa orientação, então o trabalho é menor.

X. Como você se tornou editora? Qual foi o seu processo para você se tornar editora hoje?

Trabalho com assessoria de comunicação há 15 anos na área da cultura na Bahia. Sempre produzi informação para eventos que não tinham destaque. [...] Em 2016, criei o portal sozinha. Só em 2024 tive uma pessoa fixa. Hoje atuo também coordenando assessoria de comunicação e faço edições em outros lugares. [...] Cheguei onde estou com muita resiliência. Em Salvador, só restaram três veículos independentes feitos por pessoas pretas.

APÊNDICE E – ENTREVISTA MIGUEL WALKER

Transcrição parcial da entrevista com o editor Miguel Walker da Marco Zero, realizada de forma remota em **1 de abril de 2024**, com duração total de **37 minutos e 26 segundos**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

I. Quais são as principais atividades de um editor?

Em veículos independentes com estrutura enxuta, [...] o editor é responsável por todo o conteúdo: organiza pautas, participa de reuniões e define a linha editorial junto com a equipe. Também edita textos, escolhe títulos, publica no site e define a posição na página principal. [...] Além disso, [...]acompanha as métricas de audiência, analisa o que está performando bem e trabalha em parceria com quem cuida das redes sociais [...] ajustar o conteúdo de acordo com o comportamento da audiência faz parte da rotina[...]. Também faz a gestão da equipe: [...]quem faz o quê, quando, como e em qual prazo[...].

II. Quais são as diferenças entre trabalhar em veículo tradicional e em veículo independente?

[...] Em veículos tradicionais, [...]o editor costumava atuar de forma compartimentalizada, com editorias bem definidas[...]. Já em veículos independentes, [...]as pautas costumam ser organizadas em eixos temáticos, como direitos humanos, direito à cidade, meio ambiente e diversidade[...]. [...] Nessa estrutura, [...]o editor é responsável por todos esses eixos[...], e os repórteres [...]transitam entre diferentes temas[...], exigindo que o editor gerencie essa dinâmica.

III. Como funciona a produção de matérias no veículo independente?

[...] A independência editorial é garantida pela ausência de patrocínio. As pautas são decididas coletivamente, e [...]o editor atua como mediador, avaliando se a sugestão está de acordo com a política editorial. [...] O editor tem uma visão mais ampla do processo, sabendo o que já está em andamento, o que será publicado futuramente e quem está responsável por cada conteúdo. [...]

IV. Quantas pessoas trabalham no veículo?

[...] Somos 11, agora nem todas diretamente voltadas para a produção de conteúdo[...]. Contando com a estagiária de redes sociais, [...] nove pessoas voltadas ali, exclusivamente para conteúdo[...].

V. Como é feita a definição dos títulos das matérias?

Os repórteres podem sugerir títulos, mas [...]o editor decide se aprova, ajusta ou cria um novo[...], considerando limitações do site, SEO e atratividade. [...]O título precisa ser informativo, atrativo para o leitor e ainda atender aos critérios de SEO[...]. Com isso, [...]o editor é quem geralmente define os títulos finais[...].

VI. Vocês mudam títulos de matérias com pouco engajamento?

Não se altera títulos apenas por engajamento baixo. [...]Ajustes só são feitos se houver erro de informação, problema de clareza ou risco de má interpretação. [...] Mudanças são realizadas apenas quando beneficiam diretamente a qualidade jornalística[...].

VII. Vocês utilizam inteligência artificial no trabalho?

[...] Essa ferramenta não faz parte da rotina inserida de forma sistemática no processo [...]. É usada pontualmente, [...] principalmente quando se está desenvolvendo projetos ou buscando recursos [...].

VIII. Como são definidas as pautas e feito o filtro do que será ou não produzido?

[...] A pauta deve se encaixar na linha editorial. O editor faz a gestão de recursos para decidir prioridades, adiando ou rejeitando pautas que exigem mais tempo ou investimento. [...] É preciso gerir o tempo, indicando prioridades [...], e organizando a equipe para distribuir o trabalho de forma equilibrada.

IX. Como é feita a edição dos conteúdos?

[...] A equipe é qualificada, o que reduz a necessidade de reescrever textos. Mesmo assim, [...] é sempre importante um olhar externo [...]. A matéria costuma ser bem discutida antes da apuração, o que facilita a edição depois. [...]O editor precisa equilibrar técnica e sensibilidade [...], aberto a perceber as nuances que a vivência no campo proporciona [...].

X. Como você se tornou editor?

[...] Fui repórter por pouco tempo [...], depois editor assistente de esportes, depois editor de política, editor de cidades, editor executivo[...]. A falta de preparo para a função é comum: [...]para ser editor não basta cuidar do conteúdo, é preciso gerir pessoas, tempo e recursos, algo para o qual geralmente não somos preparados. [...]Eu mesmo não queria ser editor no início, mas acabei aceitando por questões de carreira e remuneração [...]. Sempre gostei de manter contato com a realidade, viajando para reportagens, para não virar um burocrata da redação. [...] A faculdade não ensina a lidar com gestão de equipes, orçamento, conflitos internos ou logística[...]. Muitas vezes, [...]bons editores nunca tenham escrito um texto sequer [...], promovidos por qualidades que nem sempre são as mais importantes para editar bem. [...]Eu mesmo tive que correr atrás por conta própria, estudando gestão e planilhas [...], só depois de quase dez anos como editor é que o jornal pagou um curso de gestão jornalística[...].

APÊNDICE F – ENTREVISTA JOAQUIM GREGÓRIO

Transcrição parcial da entrevista com o editor Joaquim Gregório do O Pedreirense, realizada de forma remota em **20 de dezembro de 2024**, com duração total de **25 minutos e 12 segundos**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

I. Quais são as suas principais atividades como editor aí no Pedreirense?

[...] Normalmente, o trabalho envolve checar o conteúdo e manter um diálogo constante entre nós, como eu e a Mairla, que também é editora. [...] Cada um revisa e edita o que o outro produz, pois no nosso jornal somos multitarefas: o repórter também faz revisão, edição e até pauteia. [...] De vez em quando, fazemos reuniões de pauta para definir os temas e discutir como vamos trabalhar a imagem, qual linguagem usar para atrair leitores, se a reportagem precisa de um flyer, vídeo curto ou outro formato para divulgação. [...]

II. Nessa função de editor, você consegue apontar diferenças entre trabalhar em um veículo tradicional e em um veículo independente?

[...] Eu vejo assim, a gente com muita autonomia. [...] Nossa relação, a relação de cada um da equipe é muito de autonomia. Eu não me lembro. Eu não me recordo assim de nenhuma interferência. [...] Então é a autonomia, a autonomia para mim, ser o editor. E autonomia pra mim enquanto repórter. Autonomia enquanto a Mairla enquanto repórter, também enquanto editora.

III. Como você edita essa matéria?

[...] Temos um universo amplo de assuntos, especialmente ligados a Pedreiras, com foco frequente em política e jornalismo investigativo sobre o uso dos

recursos públicos. Nossa equipe é pequena, com duas pessoas dedicadas à produção jornalística e uma terceira cuidando da parte burocrática. Quando surge uma pauta, definimos quem será responsável, muitas vezes trabalhando juntos em entrevistas, gravações e captação de imagens, sempre pensando na melhor linguagem para atrair o público. Após coletar o material, escrevo e reviso o texto, depois passo para a revisão da colega, que também sugere ajustes. Com o texto finalizado, produzimos o conteúdo audiovisual, que pode ser uma peça detalhada para o site ou YouTube, ou uma versão resumida para redes sociais e WhatsApp. Esse é o nosso fluxo básico de trabalho.

IV. Como você vê hoje em dia o trabalho do editor. Dentro de uma redação?

E eu acho, eu entendo a figura do editor como alguém que está ali para adicionar, para levar à rotina jornalística uma certa racionalidade, que é necessária, uma certa frieza que também é necessária. Eu até defendo, acho que existem situações em que o repórter, eu digo por mim, vai se emocionar, vai se envolver no sentido de fazer de tudo para que aquele caso, aquela história, seja contada, vire uma reportagem, que ela repercuta. Esse é o tipo de envolvimento, esse é o tipo de sentimento que, por vezes, abarca o repórter. Mas o editor é aquela figura mais racional. Ele vai dizer: [...] olha, isso aqui está demais, isso aqui está de menos, isso aqui é fundamental, essa fonte não foi pesquisada, ela não pode ficar de fora. Eu acho que o editor tem, pela natureza da função, um olhar mais ampliado sobre determinado recorte que, por vezes, o jornalista não tem, por diversos fatores.

V. Quais são os maiores desafios da profissão hoje em dia, principalmente nesse contexto de veículos independentes que você vê?

[...] Então, até enquanto um veículo de comunicação independente, eu acho que o desafio é a gente ter estruturas. Eu não vou nem dizer que esse seja o desafio da profissão. Eu acho que é o desafio das redações independentes. [...] É ter um suporte, inclusive financeiro, para que essa função continue existindo e para que a gente consiga ter redações estruturadas de tal forma que a gente tenha um editor, que a gente tenha um repórter e que a gente tenha tudo muito delimitado. [...] Acho que é o desafio das redações independentes. É conseguir bancar, né? Alguém que

cumpra essa função, né? Temos recursos humanos que possam ocupar essa função de editor, né? E que continue sendo repórter ou editor, seja uma figura bem delimitada dentro da redação e cada um assumindo a sua função.

VI. Como você monitora os títulos, se é você quem escreve. Se o repórter é quem sugere esse título ou você já sugere um? Como é que funciona?

[...] Geralmente, trabalho em constante diálogo; [...] estamos sempre por dentro das reportagens uma da outra, com reuniões de pauta regulares. Sempre que ela tem dúvidas ou inseguranças, sugiro títulos, e também submeto os meus para avaliação. [...] Entendo que o título é a porta de entrada para o leitor, a chave que motiva o clique, especialmente em reportagens mais longas. Buscamos sempre fugir do óbvio, criando títulos criativos, exceto quando se trata de citações. [...] Para nós, o título é a alma do texto, e essa fórmula tem funcionado muito bem até agora.

VII. Você já chegou a mudar títulos sem engajamento ou até a mudar uma matéria para editar mesmo depois de postado?

Sim, editar depois de postado. Obviamente que por se tratar de um texto que foi editado, mas a gente sempre procura informar para o leitor que aquele texto foi editado. Eu digo isso porque às vezes ele lê uma versão. Aí ele vai lá de novo e ver uma outra coisa. Então, como é da nossa natureza também essa questão da transparência com o leitor, se nós mudarmos o texto depois de publicado. A gente deixa isso às claras. E nem sempre mudar é sobre mudar um conteúdo em si. É acrescentar e atualizar. É sempre importante. [...] Não é corriqueiro no jornal. Pode ser que aconteça. Se a gente de repente notar algum erro, alguma questão mais ortográfica. Mas no mais, a gente inclusive evita.

VIII. Vocês usam alguma inteligência artificial para edição ou se alguma vez já usaram, ou se vocês não se adaptam a isso de jeito maneira ou não?

[...] Vez ou outra a gente vê o que que faz. Com relação à questão de que imagem às vezes é uma ilustração, algum desenho que ilustre uma coisa que a gente tá noticiando. [...] Mas do ponto de vista textual, não.

IX. Quando e como as pautas de vocês são definidas e como é feito o filtro para essas pautas serem feitas?

[...] Geralmente são reuniões às segundas, sempre com a Mairla. Ela geralmente coloca sugestões. Eu trago as minhas sugestões. Então essas reuniões acontecem às segundas e geralmente a gente já vem com algumas sugestões ali de pauta. E a partir daí a gente vê uma pauta que dá para fazer amanhã. Dá para desenrolar em quantos dias? Quando é que a gente vai fazer? A gente já sai dali com as pautas da semana. Dias para a gente desenrolar, entendeu? Ver o que que vai dar para fazer sozinho, O que dá para fazer. Vai ter que ser em dupla. É basicamente isso.

X. Como é feito o seu trabalho de edição?

Primeiro, leio e releio. [...] Com essa leitura, vou propondo, fazendo sugestões. O trabalho de edição aqui sempre tem um caráter sugestivo. Eu retiro, mas, se retiro algo, também informo. Devolvo o texto. Digo: [...] olha, acho interessante não colocar isso, esse termo não tá legal, ou é importante colocar isso, isso aqui é indispensável. [...] Sempre que faço uma modificação, faço sugestões. Nem costumo dizer que retiro, eu sugiro modificações. E vice-versa, ela faz a mesma coisa. [...] Obviamente, tem detalhes que não se tratam de personalidade de escrita, são fatos. E, nesse caso, não tem o que decidir se acata ou não. Fato é fato, a gente tem que noticiar da forma como se deu. O que fica a critério de acatar ou não são as questões mais relacionadas à escrita, à linguagem, à personalidade literária do texto. Ela tem a personalidade dela, e eu tenho a minha forma de escrever, que é muito própria. Então, é assim.

XI. Como vocês captam recursos para manter o jornal de vocês?

A gente faz parcerias com instituições, né? A gente tem parceiros importantes, como a Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, com quem temos uma parceria forte, que é focada na pauta de educação. Temos parcerias para pautas específicas com órgãos públicos, secretarias, além de acordos com entidades da sociedade civil. Também recebemos doações esporádicas de leitores e apoiadores.

[...] É um desafio constante, mas fundamental para manter a independência editorial do jornal.

APÊNDICE G – ENTREVISTA CLEDIVÂNIA PEREIRA

Transcrição parcial da entrevista com a **editora Cledivânia Pereira da Agência Saiba Mais**, realizada de forma remota em **08 de janeiro de 2025**, com duração total de **38 minutos e 21 segundos**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

I. Quais são as suas principais atividades como editora?

[...] atuo à tarde, de segunda a sexta, além de plantões aos fins de semana [...] cuido da orientação e encaminhamento das pautas [...] meu trabalho exige atenção para escolher bem os temas e a abordagem editorial, sempre alinhados à nossa linha editorial [...] discutindo títulos e estratégias [...] oriento a distribuição do conteúdo e esclareço dúvidas [...] assumo outras funções, como produção, publicação e edição de matérias [...]

II. Nessa função, você consegue apontar as principais diferenças entre um editor de um veículo tradicional, e um editor de um veículo independente?

[...] era tudo muito compartimentado [...] cada veículo pode criar sua própria rotina [...] tem pouca gente, muito tema, e a gente ainda está aprendendo a lidar com isso [...] quando precisa, e quase sempre precisa, a gente faz de tudo [...] sou eu quem distribui o conteúdo no WhatsApp [...] precisa saber de todos os processos do veículo, porque geralmente você também executa todos eles [...]

III. E como funciona a edição das matérias nos veículos independentes?

[...] a lógica é invertida: o processo é mais coletivo [...] estimula que os repórteres sugiram as pautas [...] transparência para o repórter em relação às alterações feitas no texto [...] o conteúdo publicado reflete não só o estilo de escrita, mas o pensamento de quem produz [...] o estímulo contínuo é para que a capacidade produtiva do repórter evolua

IV. Como você vê hoje em dia o trabalho de um editor dentro de uma redação?

[...] o jornalista mais experiente da redação, com mais bagagem [...] as hierarquias aqui são muito menores do que nas redações tradicionais [...] cada veículo tem seu tempo, sua forma de trabalhar, seus horários e prioridades [...] quem tenta cobrir tudo acaba não cobrindo nada direito [...]

V. Quais são os maiores desafios da profissão hoje em dia, principalmente no contexto dos veículos independentes?

[...] o mais difícil, com certeza, é a questão do financiamento, quem paga a conta [...] jornalista não aprendeu a ganhar dinheiro ou a fazer projetos [...] a chave, não é só fazer jornalismo, tem que ter formas de viabilizar financeiramente [...] limites que a gente está aprendendo... evitar virar assessoria ou marketing [...]

VI. Como vocês conseguem financiamento?

[...] participações em iniciativas de associações de jornalismo digital [...] financiados por empresas como Meta e Google [...] diversificar as fontes de financiamento [...] temos pessoas que fazem doações e contribuem mensalmente [...] financiamentos transparentes de mandatos políticos, sem valores altos [...] somos um dos poucos veículos que o Google monetiza [...]

VII. Como os títulos são monitorados, o repórter sugere o título, ou você que já sugere um título?

[...] discuto bastante os títulos com os repórteres, pois valorizo muito o título para SEO, mas sem *clickbait* [...] os repórteres sugerem os títulos e seguem o diálogo com o editor [...] nenhuma matéria é publicada sem revisão [...] essa atenção aos títulos ajuda a dar o tom certo ao jornalismo

VIII. Vocês utilizam alguma inteligência artificial para edição, ou se já usaram, ou se não usam de nenhuma forma?

[...] uso consciente das ferramentas de inteligência artificial [...] o texto final deve sempre passar por revisão humana [...] criei agentes que ajudam na correção ortográfica e na sugestão de títulos [...] uso IA para transcrever entrevistas [...] não vejo a IA como substituta do jornalismo humano, mas como uma aliada [...]

IX. Quando e como as pautas são definidas e como é feito o filtro para essas pautas serem aprovadas ou não serem aprovadas?

[...] na reunião de segunda-feira, a gente... planeja as pautas do domingo e discute coletivamente [...] o repórter apresenta a pauta... todo mundo pode dar opinião [...] gosto de ser assertiva... não posso entupir o repórter com matérias [...] tem pauta que é muito boa, eu digo: pare tudo, faça essa e esqueça o resto [...]

X. Como é que você trabalha na questão de edição?

[...] diálogo é constante e colaborativo [...] sugeri focar no valor pago pelo aluguel do teatro, o que deu mais força à pauta [...] incentivando o repórter a ajustar antes, para manter a coerência do texto [...] a conversa é próxima e frequente [...] quando a mudança é maior, discuto diretamente com o repórter [...]

XI. Como você se tornou editor?

[...] no terceiro semestre da faculdade consegui um estágio no principal veículo da cidade [...] trabalhei cinco anos nesse jornal, passando de estagiária a repórter especial [...] fui chefe de reportagem por um ano... coordenadora de comunicação do governo estadual [...] nunca deixei de ser jornalista, mesmo na assessoria [...] voltei para a redação... fui editora do caderno de Natal, depois editora

executiva, e por fim diretora de redação [...] fui a primeira mulher a ocupar esse cargo no jornal mais antigo do estado [...] saí em 2019... fui fazer doutorado em Portugal [...]entrei em um novo projeto... jornalismo focado em mulheres [...]trabalho numa empresa que desenvolve prompts para melhorar escrita [...]

APÊNDICE H – ENTREVISTA TAY VALÉRIA

Transcrição parcial da entrevista com a **editora Taty Valéria da Paraíba Feminina**, realizada de forma remota em **10 de janeiro de 2025**, com duração total de **60 minutos (1 hora)**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

I. Quais são as minhas principais atividades como editora?

[...] Meu trabalho como editora vai além da simples correção de textos; minha principal responsabilidade é assegurar que o jornalismo produzido siga os princípios do jornalismo independente, respeitando a dignidade humana, dando voz à classe trabalhadora e questionando o discurso hegemônico da grande mídia. [...] Para isso, pauto os jornalistas em reuniões semanais coletivas, onde discutimos as reportagens da semana, especialmente as mais aprofundadas para o fim de semana. [...] Mantenho um diálogo diário com os repórteres para acompanhar o desenvolvimento das pautas, tirar dúvidas e ajudar na apuração. [...] Durante o dia, reviso os textos recebidos, garantindo estrutura, coerência e alinhamento com a linha editorial, discutindo ajustes quando necessário. [...] Minha edição é crítica, indo além da gramática para ajudar a construir narrativas focadas no que realmente importa. [...] Trabalhamos com uma produção diária de cerca de seis matérias, exigindo organização rigorosa e agilidade sem perder a qualidade. [...]

II. Diferença entre trabalhar em um veículo independente e um veículo tradicional?

[...] A principal diferença entre veículos independentes e tradicionais está no enfoque editorial e na autonomia dos jornalistas. [...] Enquanto a grande mídia segue interesses de grupos econômicos e políticos, refletindo a visão das elites e muitas vezes ignorando a classe trabalhadora, o jornalismo independente prioriza narrativas

que a mídia convencional não cobre. [...] Os jornalistas em veículos independentes têm liberdade para sugerir e desenvolver pautas, diferentemente do modelo tradicional, onde a autonomia é limitada. [...] Por exemplo, na cobertura de greves, a mídia tradicional foca nos transtornos e perdas para empresários, enquanto o jornalismo independente destaca as condições dos trabalhadores e os impactos reais para os usuários. [...] Além disso, a mídia tradicional tende a criminalizar movimentos sociais, enquanto o independente busca contextualizá-los. [...] Quanto ao financiamento, a grande mídia depende de grandes anunciantes, o que pode comprometer sua independência, enquanto os veículos independentes sobrevivem com apoio dos leitores e parcerias com movimentos sociais. [...]

III. Como funciona a edição de matérias em veículos independentes? O repórter tem mais liberdade?

[...] Sim, no jornalismo independente, o repórter tem muito mais liberdade. [...] O processo de edição não é rígido ou hierárquico como na grande mídia. [...] Os repórteres sugerem suas próprias pautas e têm total autonomia para desenvolver suas matérias. [...] Meu papel como editora não é ditar o que deve ser escrito, mas sim orientar e dialogar, garantindo que o texto tenha qualidade e esteja dentro dos nossos princípios editoriais. [...] Isso significa que, diferente dos veículos tradicionais, onde a edição muitas vezes altera completamente o texto do repórter, aqui procuramos interferir o mínimo possível. [...] No entanto, há uma preocupação constante com a checagem dos fatos. [...] O jornalismo independente precisa ser ainda mais rigoroso para evitar erros ou desinformação. [...]

IV. Você é a criadora dos títulos? Quem escreve?

[...] Os repórteres são os responsáveis por sugerir os títulos de suas matérias. [...] Como editora, minha função é revisar esses títulos para garantir que sejam coerentes com o conteúdo da reportagem. [...] Evitamos títulos sensacionalistas ou que prometem algo que a matéria não entrega. [...] Se um título não estiver claro ou não refletir bem o tema da matéria, eu discuto com o repórter para chegarmos a um ajuste que faça sentido. [...]

V. Vocês costumam mudar títulos sem engajamento?

[...] Não temos essa prática. [...] O título pode ser ajustado apenas se houver algum problema de clareza ou se estiver dando uma impressão errada sobre o conteúdo da matéria. [...] Mas não mudamos os títulos apenas para tentar gerar mais engajamento. [...] Nosso foco é a precisão e a credibilidade, e não o sensacionalismo.

VI. Quando e como as pautas são definidas? Como é feito o filtro para as pautas que serão feitas e as que não serão feitas?

[...] As pautas são definidas semanalmente em reuniões com a equipe. [...] O critério para escolher quais pautas serão feitas envolve a relevância social, a pauta deve impactar a vida das pessoas, especialmente da classe trabalhadora, o ineditismo, preferindo temas que não estejam sendo tratados pela grande mídia, e a viabilidade, pois nem sempre conseguimos cobrir tudo, então escolhemos pautas que podemos desenvolver bem com os recursos disponíveis. [...] O diálogo com os repórteres também é essencial, já que muitas vezes eles trazem sugestões a partir do que veem nas ruas ou recebem de fontes. [...]

VII. Como é feita a edição do conteúdo?

[...] A edição do conteúdo é feita em várias etapas. [...] Diálogo com o repórter: antes mesmo da escrita, conversamos para alinhar os principais pontos da matéria. [...] Revisão do texto: corrigimos erros, verificamos a clareza da informação e ajustamos o que for necessário. [...] Checagem dos fatos: verificamos se todos os dados e fontes estão corretos. [...] Publicação e distribuição: após a aprovação, a matéria é publicada e distribuída em diferentes plataformas.

VIII. Como você vê o trabalho do editor hoje em dia?

[...] O trabalho do editor no jornalismo independente é mais do que editar textos. [...] O editor precisa ser também um curador de conteúdo, garantindo que as matérias tenham impacto e sejam feitas com rigor jornalístico. [...] Além disso, tem o

desafio de manter a identidade do veículo e, ao mesmo tempo, dialogar com um público que está cada vez mais disperso nas redes sociais. [...]

IX. Quais são os maiores desafios da profissão de editor? Principalmente no meio independente.

[...] Os principais desafios são a sustentabilidade financeira, já que manter um veículo independente funcionando sem o apoio de grandes anunciantes é uma tarefa difícil. [...] A disputa de narrativa, que envolve enfrentar a hegemonia da grande mídia e conquistar a confiança do público. [...] E os ataques e ameaças, especialmente porque jornalistas independentes, principalmente mulheres, estão mais expostos a essas situações. [...]

X. Como a Saiba Mais consegue dinheiro e recursos financeiros?

[...] Nós sobrevivemos por meio de assinaturas de leitores, parcerias com movimentos sociais e editais de financiamento para jornalismo independente. [...] muitas pessoas não entendem a importância de financiar o jornalismo independente. [...] Muitas vezes, sindicatos e organizações querem patrocinar o veículo, mas esperam que ele funcione como uma assessoria de imprensa, o que não fazemos. [...]

XI. Você pode contar a sua história, como você se tornou editora?

[...] me tornei editora muito por conta da minha formação e da forma como escolhi e abracei o Jornalismo. [...] Quando o projeto ainda era só uma ideia, eu não fazia parte do grupo fundador, mas fui uma grande incentivadora e apoiadora, sempre presente ajudando a construir, mesmo sem integrar oficialmente [...] Sempre defendi a revisão antes da publicação, não como censura, mas para garantir um conteúdo melhor estruturado e alinhado com a linha editorial. [...] Faço isso com paixão e sigo acreditando que a sociedade precisa debater mais o papel do jornalismo, uma discussão que não é nova. [...] Acho que esse caminho me levou a ser editora, mas não sou só editora [...] acredito que o jornalismo precisa estar próximo da sociedade, retratando-a de forma correta e justa, sem os estereótipos

que a grande mídia muitas vezes reforça, esse é o compromisso que seguimos no nosso trabalho. [...]

APÊNDICE I – ENTREVISTA MARISTELA CRISPIM

Transcrição parcial da entrevista com a **editora Maristela Crispim da Eco Nordeste**, realizada de forma remota em **27 de janeiro de 2025**, com duração total de **52 minutos 39 segundos**. A íntegra desta gravação estará disponível de forma online no Google Drive do autor, por tempo determinado e é exclusivamente dedicada para fins acadêmicos. Todos os direitos sobre esta gravação são reservados ao autor da monografia. **É vedada a reprodução, divulgação, distribuição ou qualquer outro uso não autorizado**, total ou parcial, do conteúdo gravado, nos termos da legislação vigente sobre direitos autorais e de imagem.

Quais são as suas principais atividades na função de editora?

[...] Como editora-chefe, além de gestora, preciso ter um olhar atento a todos os projetos, participando das reuniões de pauta e orientando a equipe, editoras, repórteres, designers e redes sociais, sobre estratégias. [...] Por exemplo, a Verônica recebe os conteúdos das repórteres e fotógrafos, faz a edição das fotos no tamanho correto para o site, incluindo descrição de imagens para pessoas com deficiência visual, além de ajustar os textos com intertítulos, distribuir imagens, criar carrosséis e solicitar artes quando necessário. [...] Apesar de não ser diretamente responsável pela edição final, costumo revisar todo o conteúdo antes da publicação para garantir que esteja alinhado com o padrão do site. [...] No início de dezembro lançamos o site novo, que foi totalmente reformulado ao longo do ano passado para melhorar a navegabilidade, o SEO, a transparência, especialmente após nos tornarmos uma ONG, e outros detalhes importantes. [...] Minha função envolve não só a edição, mas também pautar e orientar a produção do conteúdo das repórteres [...]

Você pode apontar a diferença entre trabalhar em um veículo independente e trabalhar em um veículo tradicional?

[...] Sim, eu fui editora de um veículo tradicional durante 12 anos, trabalhei no Diário do Nordeste por 25 anos, e quase metade desse tempo atuei como editora. [...] Existem algumas diferenças entre as redações tradicionais e o jornalismo independente. [...] As redações mudaram um pouco, mas nos veículos tradicionais

ainda há muita rigidez, principalmente em jornais impressos ou nos que mantêm o formato em PDF, por causa da limitação de espaço. [...] Além disso, o conteúdo costuma ser influenciado por quem é o dono do veículo ou pelos patrocinadores. [...] Já no jornalismo independente, como o próprio nome diz, a gente não tem essas amarras com o conteúdo, o que nos dá liberdade editorial. [...] Mas essa liberdade tem um preço: precisamos nos manter financeiramente, pagar nossos salários, garantir a sustentabilidade do veículo. [...] Não aceitamos qualquer patrocínio justamente para preservar a independência do conteúdo, e por isso estamos sempre nessa corrida para manter o jornalismo independente vivo [...]

Como funciona a edição das matérias no veículo independente?

[...] Bom, existem os dois universos. [...] Os repórteres têm liberdade para sugerir pautas, e, na maioria das vezes, elas são aceitas, desde que viáveis. [...] Quando estamos desenvolvendo projetos específicos, às vezes há algumas limitações, porque o conteúdo precisa seguir o que foi aprovado, mas mesmo assim a gente mantém espaço para produzir outras coisas. [...] Além da liberdade temática, também existe liberdade estilística, por exemplo, numa reportagem recente, uma repórter me perguntou se podia escrever em primeira pessoa, como se fosse o próprio Cerrado falando. E claro que pode, aliás, deve! [...] A gente estimula esse tipo de criatividade, que amplia as possibilidades do conteúdo jornalístico. [...] Em veículos tradicionais isso até existe, mas normalmente só em reportagens especiais, enquanto no dia a dia a abordagem costuma ser mais engessada. [...] Aqui, nossos repórteres têm liberdade tanto para sugerir pautas quanto para experimentar novas formas de escrever [...]

Como você vê o trabalho de um editor dentro de uma redação?

[...] Bom, como eu disse, tem essa limitação do espaço, tem essa limitação de conteúdo, tem a questão mesmo da factualidade, do prazo para fechamento. [...] Então assim, existe um nível de amarra que no jornalismo independente não tem, dependendo, porque tem jornalismo independente que também faz Hard News. [...] Mas normalmente nos veículos tradicionais é tudo muito mais amarrado, tudo muito mais preso, tudo muito mais contido do que no jornalismo independente. [...] A gente

tem essa liberdade de experimentar e de fazer de outras formas, inclusive de extensão de prazos, dependendo também do que a gente se comprometeu de entregar [...]

Quais são os maiores desafios da profissão hoje em dia?

[...] Olha, a gente vive uma enorme insegurança, que tem três frentes principais. [...] A primeira é a financeira, manter o jornalismo independente vivo exige buscar formas criativas de financiamento. [...] A segunda é a jurídica, porque o assédio judicial atinge todo o jornalismo, mas pesa ainda mais sobre veículos pequenos. [...] E a terceira é a insegurança física, que mudou muito ao longo do tempo. [...] Primeiro, pela violência urbana, que dificultou o acesso a certos territórios, e depois com o crescimento do discurso de ódio nas redes sociais, que tenta desacreditar o jornalismo e até inviabiliza o acesso a informações públicas, como aconteceu no governo federal anterior. [...] Além disso, há outros desafios, como o uso da inteligência artificial. [...] Eu uso, por exemplo, para gerar descrições de imagens, o que ajuda muito com acessibilidade, mas sempre digo que ela não substitui a criatividade, o repertório e a experiência que só um jornalista de verdade carrega [...]

Quais são as principais formas que vocês conseguem recursos financeiros?

[...] A gente bateu muita cabeça nesses seis anos, já fizemos consultorias, participamos de bolsas, grants, editais. [...] Nos últimos dois anos, depois que viramos ONG, isso se intensificou. [...] Essa mudança no CNPJ teve dois motivos: primeiro, fazemos um jornalismo de causa, e, sendo ONG, conseguimos expandir nossa atuação para projetos que unem jornalismo e impacto social. [...] Um exemplo foi o projeto Matopiba, financiado pelo Instituto Clima e Sociedade, que cobriu uma região pouco noticiada, geralmente falada só pelo agro. [...] Tentamos aprovar um projeto na Lei Rouanet, mas tivemos dificuldades na captação. [...] Renovamos a inscrição e agora vamos contratar um captador, porque percebemos que, como captadoras, somos excelentes jornalistas. [...] Também temos um botão de apoio no site, ainda com poucos apoiadores, mas queremos lançar uma nova campanha. [...]

O fundamental no jornalismo independente é diversificar as fontes de financiamento, não dá para depender de uma só, porque se ela acaba, o projeto para [...]

Como você monitora os títulos? Quem escreve?

[...] Bom, isso é algo que eu aprendi no jornal e que serve como um ótimo exercício para qualquer jornalista, em qualquer fase da carreira: tentar dar o título da própria matéria. [...] A gente sempre estimula isso porque ajuda até a perceber se o lead está mesmo no lugar certo. [...] Mas, claro, às vezes vêm uns títulos enormes, tentando colocar tudo o que está na matéria, e aí não dá. [...] O título precisa ter verbo, ação, e conter palavras significativas, principalmente no digital, onde a gente precisa aplicar técnicas de SEO. [...] Então, normalmente, os repórteres sugerem os títulos, às vezes a editora também propõe. [...] Mas nem sempre é fácil, tem hora que o título não reflete bem a matéria, ou não tem impacto, e aí precisa ajustar. [...] Mas sem distorcer o conteúdo, claro. [...] Com o tempo, a gente entende que um bom título não precisa dizer tudo, mas precisa ter significado, refletir a matéria e usar as palavras certas [...]

Vocês já costumam mudar títulos sem engajamento?

[...] Não, a gente ainda está engatinhando nessa área. [...] Nesse último projeto, começamos a testar algumas coisas, especialmente com as redes sociais, como a forma de escrever as legendas. [...] Estamos experimentando, mas ainda não chegamos a mudar título por causa disso, até porque, às vezes, isso cria uma discrepância entre o título do site e o das redes, e eu sou meio cheia de toque com isso [...] Mas sabemos que é algo que precisamos fazer mais cedo ou mais tarde, está no nosso radar [...] A gente entende a importância da audiência e, inclusive, percebeu que no ano passado, por conta de um projeto, nosso conteúdo ficou muito monotemático, o que causou uma queda de engajamento [...] Por exemplo, agora estamos preparando um projeto sobre biodiversidade justamente porque é um tema que funciona muito bem com a nossa audiência [...]

Vocês fazem uso de Inteligência Artificial? Se sim, como?

[...] Na verdade, nem é legenda, é mais para descrição de imagem [...] Mas recentemente comecei a testar também para criar chamadas nas redes sociais e gostei do resultado [...] A questão é que não se trata da produção do conteúdo em si, ele já foi escrito e editado por mãos humanas. [...] A gente usa a ferramenta só para resumir de forma mais atraente para a nossa audiência. [...] E, olha, funciona bem, mas nunca 100%. [...] Sempre precisa daquele toque final, sabe? Ainda vem com uns gerundismos, umas coisinhas que a gente tem que ajustar [...]

Como é que as pautas são definidas?

[...] A gente deu uma pausa entre os projetos, então em dezembro e janeiro ficamos mais nos grupos, temos um grupo só de pautas. [...] Agora em fevereiro retomamos as reuniões. [...] Quando tem projeto ativo, as reuniões são semanais, mas as de gestão comigo são sempre semanais, e as com todo o grupo são mensais. [...] As pautas vão sendo sugeridas e distribuídas ali mesmo [...] Um dos critérios que eu sempre uso é saber se o projeto já tem resultados, algo palpável, porque o mundo está cheio de boas intenções e *greenwashing*, ainda mais na Semana do Meio Ambiente, quando todo mundo quer parecer verde [...] Hoje priorizamos pautas da universidade, do terceiro setor e das comunidades, porque o universo de temas é enorme e não faz sentido gastar energia divulgando empresa de graça [...] Foco em conteúdo relevante, significativo e alinhado com o que realmente queremos fazer [...]

E como é feita a edição do conteúdo?

[...] Minha técnica começa com uma boa lida no texto, faço uma limpeza inicial, correções, ajustes e depois passo pro bloco de notas e para o *WordPress* [...] Já avalio as imagens: se fazem sentido com o texto, se estão conectadas. Se não tiver imagem, vou atrás [...] Penso na legenda, na descrição acessível para quem não enxerga, e se dá pra usar *hiperlinks* [...] Cuido dos intertítulos, vejo se dá pra incorporar vídeo ou outro conteúdo [...] Depois disso, já começo a criar os cards [...] E tem também a descrição dos cards, as legendas das postagens e o agendamento nas redes [...] A gente usa quatro hoje: *Instagram*, *Facebook*, *LinkedIn* e o *BlueSky* [...] Também cuido dos *stories* e de toda essa parte de rede social [...]

Você pode contar como você se tornou editora?

[...] Minha trajetória como editora passou por vários momentos importantes [...] Fui diretora do Sindicato dos Jornalistas por duas gestões e, durante esse período, viajei bastante para congressos da FENAJ [...] Em 2002, num congresso em Manaus, conheci a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental, o que mudou o rumo da minha carreira [...] Até então, eu estudava línguas, mas percebi que a cobertura socioambiental no Brasil era muito focada na Mata Atlântica e na Amazônia, deixando de lado outros biomas, como a Caatinga [...] Então, fiz mestrado em desenvolvimento do meio ambiente [...] Pouco depois, assumi como editora de reportagens no Diário do Nordeste, período que considero o mais próspero da minha carreira [...] Foram quatro anos editando reportagens especiais e conquistando cerca de 50 prêmios com minha equipe [...] Depois, com as demissões em 2018, criei a Eco Nordeste [...] O maior desafio permanece: garantir a sobrevivência financeira do projeto para que esse trabalho continue [...]

ANEXO A – CERTIFICADO DE APRESENTAÇÃO

Durante o período de desenvolvimento deste estudo, ele foi apresentado no 18º Simpósio de Comunicação da Região Tocantina (SIMCOM). A apresentação ocorreu no dia 11 de dezembro de 2024, na Universidade Federal do Maranhão, campus Imperatriz.

Figura 10 - Certificado de apresentação no SIMCOM



Fonte: O autor